Aragão

BAHIA CABRALIA E VERA-CRUZ

BAHIA

1899

BAHIA CABRALIA E VERA-CRUZ

ESTUDOS

SOBRE

A

Bahia Cabralia e Vera-Cruz

FEITOS

POR ORDEM DO GOVERNADOR DO ESTADO

O ILLM. E EXM. SNR.

CONS. LUIZ VIANNA

PELO MAJOR DO EXERCITO

Salvador Pires de Carvalho e Aragão

BAHIA

LITHO-TYP. E ENCADERNAÇÃO DE REIS & C.

23-25—Rua da Conceição—23-25

EDITORES

1899

Bahia, 20 de Junho de 1899.

Illm. e Exm. Snr. Cons. Luiz Vianna, DD. Governador do Estado:

Honrado por V. Ex. com a nomeação para, em commissão com o segundo escripturario da Secretaria da Junta Commercial, Alfredo Octaviano Soledade, proceder aos estudos necessarios e responder ao questionario junto, a V. Ex. offerecido pela commissão central deste Estado para commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brazil; venho trazer a V. Ex. o relatorio incluso, resultado dos trabalhos de que foi incumbida a commissão.

Sei que não corresponde elle á magnitude do assumpto; que não tem as bellezas de um estylo condigno da alevantada ideia que V. Ex. patrocina; que não tem a respeitabilidade da competencia de um nome conhecido e que não pode, tão pouco, corresponder aos altos desejos de V. Ex. Mas, todas estas faltas sommadas, produzem resultado menor que o esforço e boa vontade empregados em corresponder á somma, ainda maior, de confiança que por V. Ex. me foi dispensada.

Para melhor responder ao questionario, dividi, como verá V. Ex., o trabalho em capitulos encerrando elles a materia fornecida.

Acompanha um mappa da Bahia Cabralia, a planta da Villa de Santa Cruz, a do rebeirão Mutary e o projecto da nova cruz.

Ficam em meu poder, até que V. Ex. determine a quem devo entregar, as amostras constantes da relação annexa.

Ainda uma vez, agradecendo a V. Ex. a confiança que me dispensou, reiteiro os meus protestos de alta consideração e respeito.

Saude e Fraternidade.

Salvador Pires de Carvalho e Aragão.

QUESTIONARIO

A Commissão precisa:

1.º

Desenho de toda a costa de Santa Cruz, para o norte e sul.

2.º

Sendo possivel, deve ser sondada a bahia para dentro do recife de Porto Seguro, para o norte, incluindo a Corôa Vermelha, assim como o braço de mar ou canal que fica entre a corôa referida e a terra firme.

3.º

Aquarella de toda a zona que nos interessa, de modo a obter a tonalidade, em cores dos verdes, das areias, argillas, etc., o que é necessario para que o trabalho que se vae fazer na Europa não represente *nuances* que não sejam nacionaes.

4.º

Um mappa comprehendendo toda a bahia Cabralia.

5.º

Photographias que devem ser tiradas do mar, ou, em falta de algum ponto que se preste, de modo a termos a reproducção da Corôa Vermelha em maré cheia e vasia e tambem o relevo da terra, assim como ideia da altura da serra que se levanta a pouca distancia do mar, etc.

6.º

Explorar a terra firme, procurando verificar se existe algum marco ou pedra deixada ahi antigamente em logar proximo ou conhecido, assim como qualquer inscripção que porventura exista em pedra, etc.

7.º

Verificar quaes as fontes ou riachos em que ha agua e onde, portanto, se abasteceu a esquadra de Cabral, que é de presumir não tivesse ancorado longe d'estes pontos.

8.º

Verificar qual o logar da costa que se poude prestar á celebração da missa, além do exame que for feito na Corôa Vermelha e em outra que lhe fica proxima e especialmente o padrão de madeira que ahi deixaram os portuguezes, pois é provavel que tivessem escolhido algum promontorio ou ponto elevado e descoberto para ser bem visto.

9.º

Descrever o mais minuciosamente que for possivel toda aquella porção do nosso littoral, o seu estado actual, povoamento, etc., e explorar para o interior, procurando vestigios dos indios que os portuguezes alli encontraram.

10.º

Indicar, precisamente, onde deve ser assentada a cruz de pedra que para lá vamos mandar. Se será conveniente collocal-a na Corôa

Vermelha, se proximo á entrada do porto de Santa Cruz. Devem ser tambem indicadas as suas dimensões, attendendo a circumstancia de que ella ficará em ponto tal que possa ser bem vista do mar.

11.º

Procurar na costa interior ou praia da bahia Cabralia o ponto ou pontos em que podiam ter atracado, com facilidade, os botes ou lanchas dos navios da esquadrilha, pois é natural que procurassem angras, surgidouros ou calhetas, si toda a costa não é accessivel.

12.º

Fazer uma descripção do local e indicar quaes os vegetaes frequentes n'aquella zona, assim como os animaes (flora e fauna) trazendo amostras das areias, argillas, pedras, conchas, vegetaes, etc., as quaes serão conservadas no Instituto, depois de terem figurado nas festas do centenario.

13.º

Indicar o que for possivel obter de mais circumstanciado sobre o clima e producção da Bahia Cabralia, se as suas estações são regulares, quaes as temperaturas do dia e noite, etc.

14.º

Indicar o que se póde esperar daquella zona para o futuro, relativamente ao commercio e civilisação, attendendo aos seus recursos naturaes, as culturas que se possam adaptar ao seu territorio, vantagens da posição, porto, etc.

15.º

Procurar informações seguras e estudar, não só tudo o que possa interessar sobre as correntes oceanicas na costa, especialmente nas proximidades da bahia Cabralia, como sobre quaes as virações reinantes em fins de Abril e principio de Maio e quaes os logares em que dão melhor desembarque ou atracação á embarcações pequenas dentro da bahia.

16.º

Trazer em photographias e aquarella a idéa mais completa do Monte Pascoal, sendo as chapas tiradas em horas differentes devendo as aquarellas indicar os diversos aspectos do monte em tempo claro e encoberto; quando elle se descortina todo do mar ou quando se acha parcialmente envolto em cinzeiros ou nevoas.

Pela Commissão

(Assignado) *Braz do Amaral*

PREFACIO

A armada portugueza, que, a 9 de Março de 1500, singra do Tejo ameno para as aguas infinitas do Oceano, animada pela protecção de Deus na derrota do Oriente, o poiso de seus cuidados, onde ia a mando de D. Manoel, o rei, sob as ordens de Pedro Alvares Cabral, primeiro da atrevida expedição, avista, em 21 de Abril, do mesmo anno, por muito se affastar das costas africanas, seguindo, em parte, os conselhos do Gama, e, no que não fôra destes, arrastada, captivamente, pelas correntes fortes do elemento movediço e poderoso, o verde mar que estúa e brame, signaes de terra; e os navegadores, procurando-a sob a seducção de taes vestigios, recebem em premio da esperança, a realidade, fausta e assombrosa, de uma honrosissima descoberta.

«Hervas», nunciativas do «achamento», mostram sobre si, no seguinte dia, a aflarem docemente, pelo azul sereno dos espaços, «aves» do logar, e, depois dellas, «o cimo de um grande monte, alto e redondo», cuja sombra, com a de mais baixas serras, se extende ao arvoredo de chan planicie, que, rutilas, illuminam as derradeiras claridades do sol fecundo. Terra nova! Vera-Cruz n'essa hora de fortuna, por trezentos e vinte e dois compridos annos a colonia do Reino, no começo d'este seculo a Nação independente, hoje a Republica dos Estados-Unidos do Brazil, e, na perpetuidade do tempo, a gloria de Cabral.

O governo de D. Manoel, o «Afortunado», é sabedor, a breve trecho, da espantosa novidade, a conquista que para os dominios da Corôa Portugueza fizera a frota aventureira, plantando a cruz de sua fé em regiões desconhecidas. Communicados, que lhe chegam, muitos e eloquentes, nomeiam o feito

extrao rdinario, e vão contando, uns depós outros, os successos da insigne descoberta, e, mais que estes, encantos e opulencias da achada região, que a todos pareceu, e era, «mui longa terra».

Lá, no distante Reino, dizem noticias, que, aos rumos da visão feliz, correram as intrepidas caravellas, encontrando, seguidamente, praias e gentes, e, mais alem, soberbo ancoradoiro, que se chamou, então, «Porto-Seguro», onde esquifes e bateis se guardam contra os ventos por fóra desatados, ficando á marinhagem a surpreza deleitosa de uma enseada formosissima, que Alvares Cabral percorre, vendo a terra que se alarga da curva das agoas mansas para o seio das florestas virgens, tão altivas como imponentes. Detalham, ainda, a cerimonia da primeira missa n'um ilhéo, o tracto com os naturaes, folgares dos navegantes, a lida da aguada em rio de alto leito, o córte da lenha nas mattas abundantes, a chantadura do symbolo redemptor no sólo firme do continente, o preparo da náo que, de torna-viagem, levaria á Lisboa a «boa nova», e, depois de outras miudezas, a partida de Cabral a caminho da India, que era o seo destino.

Numerosos, certamente, foram documentos taes. Mas, se a desidia dos homens deixou que se perdessem uns, outros consumiu a hórrida catastrophe, de suprema angustia, cahida sobre a metropole portugueza á foz sussurrante de seu rio, onde, outr'ora, a esquadra do grande capitão recebera em bençãos as promessas do céo, que, dadivosas, lhe permittiram, com o exito da incumbencia contractada, e antes d'ella, a fortuna maior e mais illustre do descobrimento do Brazil.

Fados beneficentes poupam, comtudo, á inclemencia das

devastações a carta de Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da frota gloriosa, escripta á el-rei, da «terra nova», para instruil-o sobre a aventura do «achamento» de Vera-Cruz. Preciosa reliquia, onde se guarda o segredo de nossa origem, e é, na Torre do Tombo, o seu sacrario, attestado e fama ás tradições da nação descobridora, luz de seus dizeres a verdade do passado, reivindicada por ella contra as lendas da phantasia, a impedir que as affirmações da Historia se tivessem de fundar no criterio das fabulas e no sentir errado de chronicas infieis.

Sobejam, por isso, ao bello documento immensos gabos, lustres que vão caber á memoria do escriptor, imperecivel com a de Cabral na justiça do tempo, onde, reunidamente, uma e outra conseguiram os direitos merecidos e sagrados da mais honrosa immortalidade. Ayres de Casal o publica, em 1817, incorporando-o á «Geographia do Brazil». O cita Munoz, fazendo a historia critica da America. Porto-Seguro o engrandece neste digno louvor: «É o documento mais antigo da historia colonial, que existe em nossa lingoa materna, escripto no proprio paiz; a chronica mais minuciosa que possuimos do seo descobrimento». O Dr. Joaquim Manoel de Macedo o denomina «auto solemne do descobrimento, a primeira palavra da Historia do Brazil». E, n'uma unanimidade de quasi veneração, ajustada á fé infallivel de seus creditos, todos os pareceres o acatam e sublimam na condição oracular de um testemunho exacto, dizendo ao futuro a nossa procedencia e illuminando para a certeza historica o mysterio, que ella seria, sem o clarão de seos avisos.

A fama grangeada á carta de Caminha reclamava, comtudo, os beneficios de um confronto, onde o tempo destruidor não tivesse destingido, ou apagado, os vestigios da tradição.

Se a realidade das paragens definidas conviesse, no exame, aos desenhos do chronista, era saber que, sobre a authenticidade do escripto, restavam a garantil-o as evidencias do facto. E, onde a narração houvesse suggerido desaccôrdos, por entenderem-na diversamente os seos commentadores, daria o estudo decisiva solução á veraz intelligencia dos trechos disputados. Em qualquer dos casos caberia á historia os fructos da apuração, que era desmanchar duvidas, acertando com o depoimento illustre os modêlos da pintura.

Este serviço, tão opportuno como necessario, prestou-o ao nome de Caminha, á verdade da nossa origem e á gloria dos navegadores portuguezes, que, antes de outros, pisaram o sólo virgem de Vera-Cruz, o Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão.

Incumbida á sua competencia de habilissimo profissional e á sua actividade incansavel e desinteressada de laureado patriota, já experimentada em mais duras provas, onde colheo honrosos galardões, a analyse do scenario magestoso do drama da descoberta do Brazil, lhe foi fortuna, na empreza dignissima, verificar que agoas e terras da legendaria bahia respondiam aos marcos da Carta alviçareira, illustrando-a como emblemas do successo, que o tempo por quatrocentos annos conservara.

Aspectos que considera, paysagens que detalha, profundidades que sonda, rios que navega, mattas em que se entranha; aqui a enseada, mui formosa; ali o ilhéo, onde descansára Cabral, e dissera Fr. Henrique a primeira missa, e tremulara ás auras frescas a bandeira da christandade; acolá o ribeirão, que, em largo trecho, «anda sempre ao carão da praia», e fôra a

fonte abastecedôra da esquadra do heróe; alem o plano de um baixo morro «a dous tiros de bésta» d'esse rio, onde luzira ao mundo, com as armas e divisas de D. Manoel, a cruz do Salvador, e, antes d'isto, o monte-aviso, emergindo dos mares como o signal da descoberta; e, depois d'isto, a floresta espêssa, admirada moradia dos naturaes extinctos; tudo vê e tudo esquadrinha o engenheiro, e em suas contemplações se lhe volve o passado renascido, esse que refere Caminha, e elle encontra, ainda, vivedoiro sobre o tumulto das existencias nos assignalados marcos da «noticia», que é o seu roteiro, a velha chronica da façanha, «o portico da nossa historia», o luminoso «auto solemne do descobrimento»!

Eis o que foi a investigação do patriota! eis o que é este livro, relatorio d'ella: a certeza verificada dos depoimentos de Caminha; a fixação segura e incontestavel dos pontos da legenda; a luz nos litigios da critica, quebrando a armadura dos dissentimentos pelo ajuste da realidade aos quadros da chronica authentica, de onde nos veio, ha quatro seculos, o ensino e a fé sobre as scenas da nossa origem, o feito illustre de Cabral, a gloria immorredoira das quinas portuguezas! Outras informações, que o enriquecem, descrevendo a actualidade e semeando esperanças ao fututo da «terra historica», são novos lustres de que a obra se constella, extendendo a utilidade do beneficio, senão grangeando ao renome do escriptor a justiça de maiores e devidas honrarias.

Demais, em toda ella, estas linhas, esforço de quem, se sabendo sem autoridade para sentencear em assumptos de tão difficil entender, não poude resistir aos direitos da estima, que

as solicitara sem medo aos riscos da incompetencia, segura de que a suppririam os reflexos da conquista, que este livro é, e de si somente valiosas pela sinceridade de sua inspiração, recommendando e applaudindo a bôa lavra, em que a memoria de Caminha se exalta, a fama de Cabral se engrandece, e, irmanadas, rebrilham juntas as glorias de Portugal e do Brazil.

Orlinda Fragoso.

Bahia—1900.

CAPITULOS

I—A bahia Cabralia.
II—Aspecto geral da costa.
III—A Corôa Vermelha.
IV—Rios e ribeiros.
V—Santa Cruz.
VI—O fundo da bahia.
VII—Sondagem.
VIII—Marcos.
IX—Onde se abasteceu d'agua a esquadra de Cabral.
X—Onde foi collocada a primeira cruz.
XI—Pontos onde podem atracar embarcações pequenas.
XII—Vestigios dos indios encontrados por Cabral.
XIII—Flora e Fauna.
XIV—Onde deve ser levantada a nova cruz.
XV—Dimensões da nova cruz.
XVI—Terrenos e culturas.
XVII—O monte Paschoal.
XVIII—Correntes oceanicas.
XIX—O que se póde esperar d'esta zona para o futuro.
XX—Noticia sobre Porto-Seguro.

APPENSOS—Mappas e quadro dos ventos.

NOTA

A 22 de Abril de 1500, data do descobrimento do Brazil, vigorava o calendario Juliano decretado por Julio Cesar e adoptado pelo concilio de Nicéa, no anno 325 da era christã.

Este calendario não egualava o anno civil ao anno tropico ou astronomico, apresentando aquelle uma differença a mais sobre este de 0,0078 de um dia, a qual em 400 annos prefaz 3 dias e 0,0949.

Em 1582, no pontificado de Gregorio 13, o excesso era, aproximadamente, de dez dias.

Entendeu então esse Pontifice corrigir o calendario, e, para esse fim, publicou uma bulla a 4 de Outubro desse anno, estabelecendo que o dia seguinte fosse considerado 15 de Outubro (diminuindo assim no dito anno os 10 dias accrescidos).

E determinou mais, afim de evitar a reproducção do facto, que, em cada periodo de 400 annos, se diminuissem 3 dias: o que se obtem só considerando-se bissextos os annos seculares cujas duas primeiras letras de ordem são divisiveis por 4.

E' em virtude dessa correcção denominada — Gregoriana — que o dia 22 de Abril, da descoberta do Brazil, passou a ser considerado 3 de Maio.

ESTUDOS

I

A Bahia Cabralia

Esta bahia é formada pela curva enorme da costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a Corôa Vermelha, ao sul e pelos recifes Sequaratyba, Itassepanema, Alagadas, Baixinha da Corôa Vermelha e pela rocha da mesma corôa. Tem a bahia 12.964 metros de comprimento, sobre 5.556 de largura, sendo protegida pela linha de recifes que margêa a costa.

As coordenadas da ponta norte que forma uma das entradas são: 16°—15'—35" de latitude e 4°—9'—15" de longitude, referida ao meridiano do Rio de Janeiro.

São cinco os recifes que fecham a leste a bahia, todos differentes e situados deste á ponta norte até a Corôa Vermelha; formando cinco passagens, das quaes quatro são tão profundas que dão ingresso á navios das maiores dimensões.

A quinta, que fica mais ao norte, entre a ponta de Santo Antonio e o recife Sequaratyba, só é praticavel por embarcações de pequena cabotagem que navegam ao longo da costa, por dentro dos recifes dos Araripes.

Depois do recife Sequaratyba, o que fica mais ao norte é o Itassepanema, a rumo SE da ponta de Santo Antonio. Tem elle 3.700 metros de comprimento NNE, SSW, ficando

a descoberto em quasi toda a sua extensão; tendo no centro uma corôa chamada Corôa Alta. Este recife forma com o immediato, Alagadas, uma passagem de 1.389 metros com 12 metros de profundidade. A esta passagem chamam Boqueirão Grande.

A rumo SSW do Itassepanema se acham dois recifes, tendo um 415 metros e o outro 393 de comprimento, ficando na baixa mar com 2 metros d'agua, deixando entre si uma passagem a que denominam Boqueirão Pequeno e a ambos os recifes — Alagadas.

A sondagem desta passagem dá de 15 a 12 metros.

A rumo SW das Alagadas existe uma rocha coberta, onde o mar raramente quebra chamada Baixinha da Corôa Vermelha e forma o limite sul da grande passagem. Esta rocha fica a rumo de 43° SE da Egreja de Santa Cruz. Tem ella 48m,50 de extensão, accusando a sonda, sobre ella, na baixa-mar, 4 metros.

Pode, entretanto, ancorar perto qualquer navio pois, em torno, a sonda diz que tem de 11 a 14 metros de profundidade.

A 1.200 metros da Baixinha e a rumo SSW della está o recife da Corôa Vermelha que, indo juntar-se a ponta da mesma corôa forma a extremidade sul da bahia. Sobre este recife, que fica a descoberto, na baixa-mar, está a Corôa Vermelha com 55 metros de comprimento por 19 de largura sempre visivel na prêa-mar.

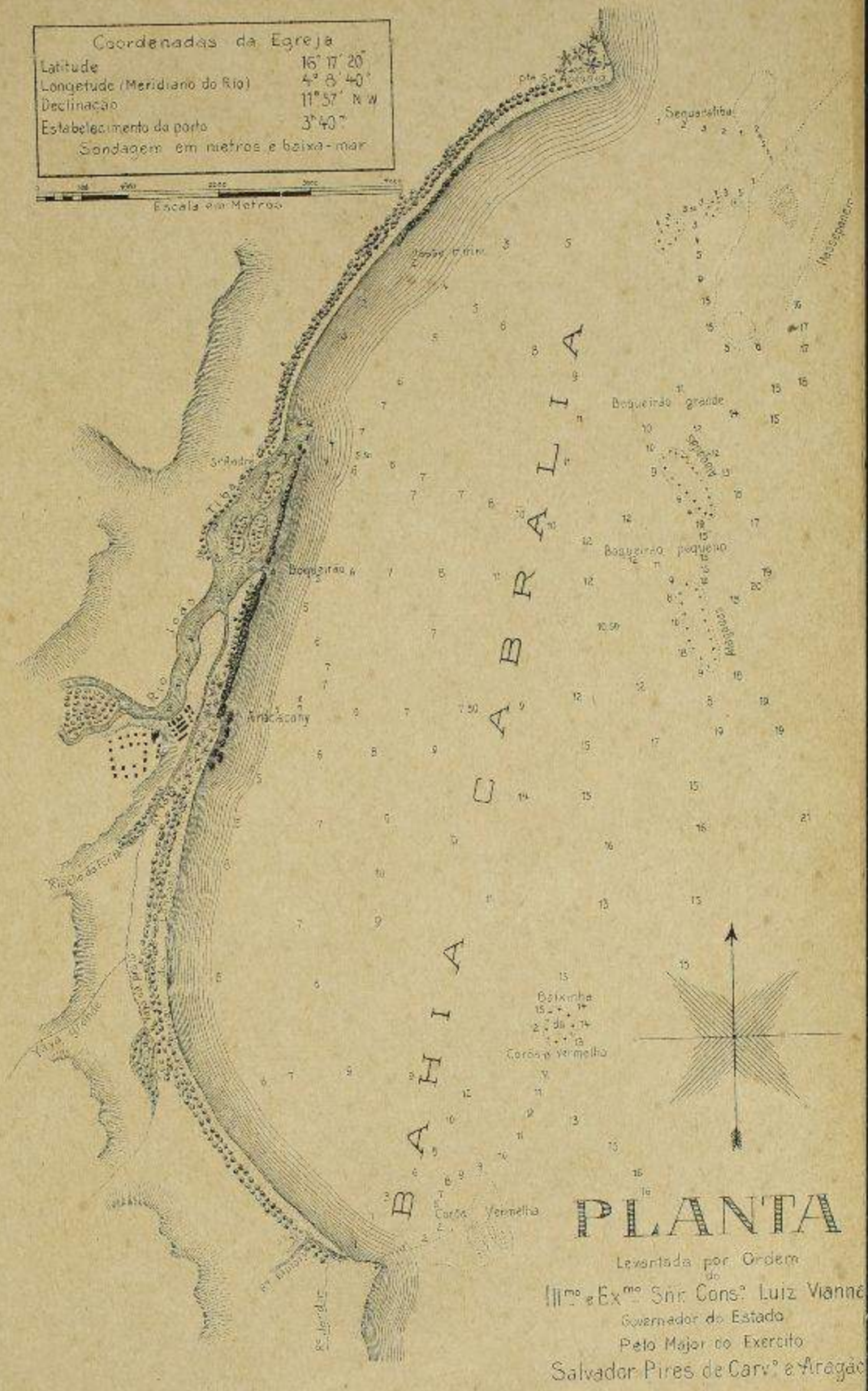
O recife da Corôa Vermelha que fica a rumo NNE, forma com a costa, a que se liga, e que corre a rumo de NW um porto perfeitamente abrigado dos ventos do sul, accusando a sonda de 10 a 5 metros de profundidade.

No canal que forma a Baixinha com o recife sobre o qual se acha a Corôa Vermelha, diz a sonda ter 11 metros, sendo esta a quarta passagem que dá ingresso á bahia.

Ao sul o recife caminha sempre acompanhando a costa até unir-se aos de Porto-Seguro, tendo antes formado

a pequena enseada do Mutá, de barra muito estreita, formada ao norte pela ponta sul do recife da Corôa Vermelha e ao sul pela ponta Itá, a que denomiuam Boqueirão dos Francezes.

O canal existente desde a Corôa Vermelha até Porto-Seguro, por dentro dos recifes, só pode ser navegado por canôas, isso mesmo na prêa-mar.


Coordenadas da Egreja
Latitude 16° 17' 20"
Longetude (Meridiano do Rio) 4° 8' 40"
Declinação 11° 57' N W
Estabelecimento do porto 3h 40m
Sondagem em metros e baixa-mar
Escala em Metros
Sequaratiba
Boqueirão grande
Boqueirão pequeno
Boqueirão
Aracacahy
Baixinha
Corôa vermelha
BAHIA CABRALIA
PLANTA
Levantada por Ordem
do
Illmo e Exmo Snr. Cons.o Luiz Vianna
Governador do Estado
Pelo Major do Exercito
Salvador Pires de Carv.o e Aragão

II

Aspecto geral da costa

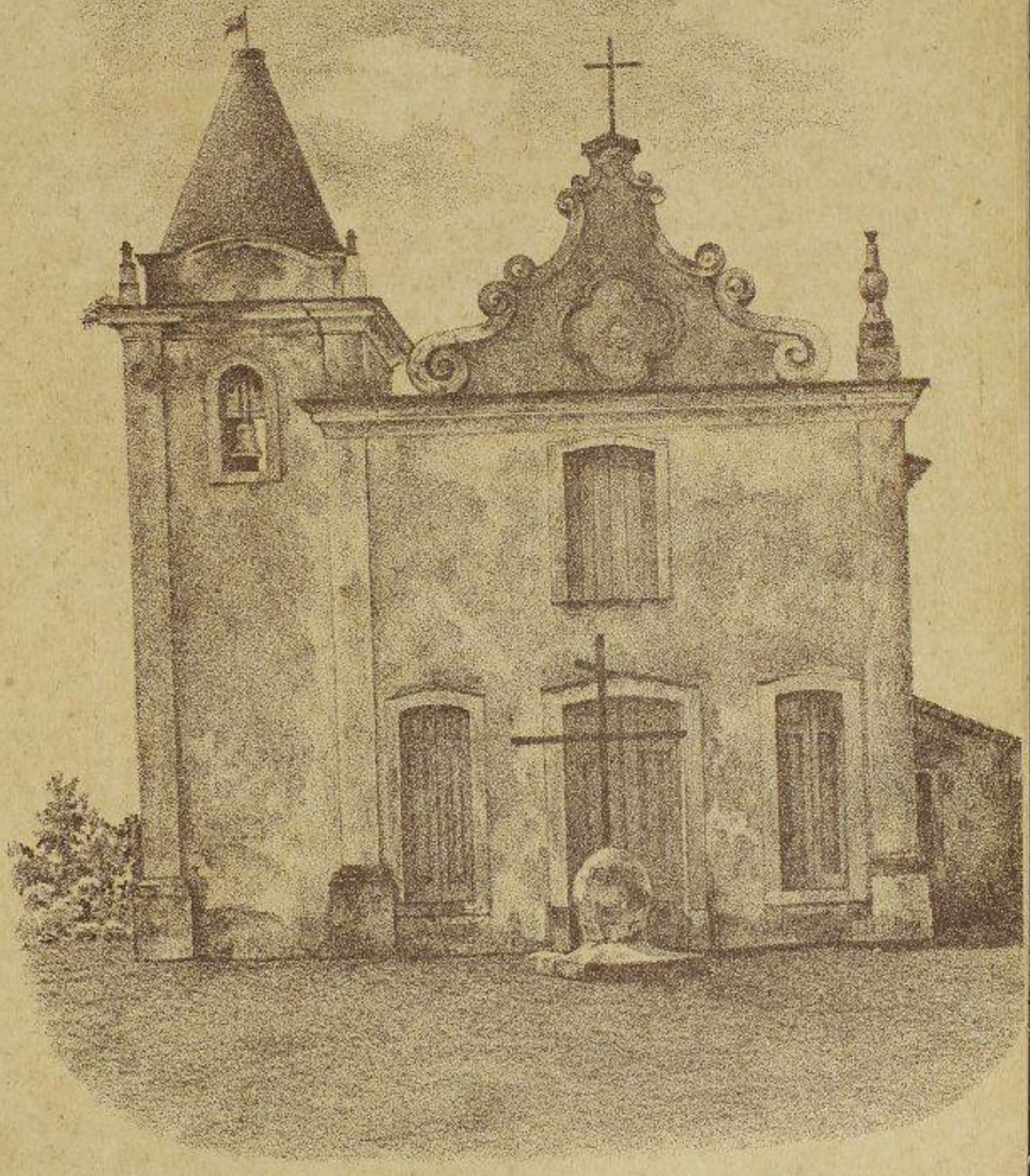
O aspecto geral da costa muito differe do do norte do Estado. Lá, em geral, a costa é baixa e coberta de rachitica e enfezada vegetação; cá a variedade, a orla muito estreita coberta de areia, a collina que de perto margea a costa, a riqueza de seiva, dando as arvores e arbustos tons differentes dos verdes, desde o negro das arvores da collina, até o claro dos mangues e gravatás, dão a costa um aspecto alegre e encantador.

A vegetação da orla, que fica entre o sopé da collina e o mar, é constituida por arbustos e arvores, entre os quaes predominam as pequenas palmeiras de variadas especies. Entre estas as que mais abundam, são; as *jussaras*, os *mussandós* e os *ouricurys* (differentes dos do norte). Vemos depois, as moitas de *capiangas*, de *cajueiros*, *massarandubas da praia*, *araçá bravo*, *ariticum*, *almesseguеiras*, de fructos therebentinados, *gravatás* e *cardos* de varias especies; trepadeiras como a *guarú*, a *jarrinha* e o *maracujá da praia* e finalmente alteirosos coqueiros, resultado do trabalho humano.

A matta, em tempo não muito remoto, esteve bem proxima á costa, tanto assim que, ainda hoje, se encontram troncos enormes de *aderno*, *massaranduba* e *inhahyba* a 15 e 20 metros da praia.

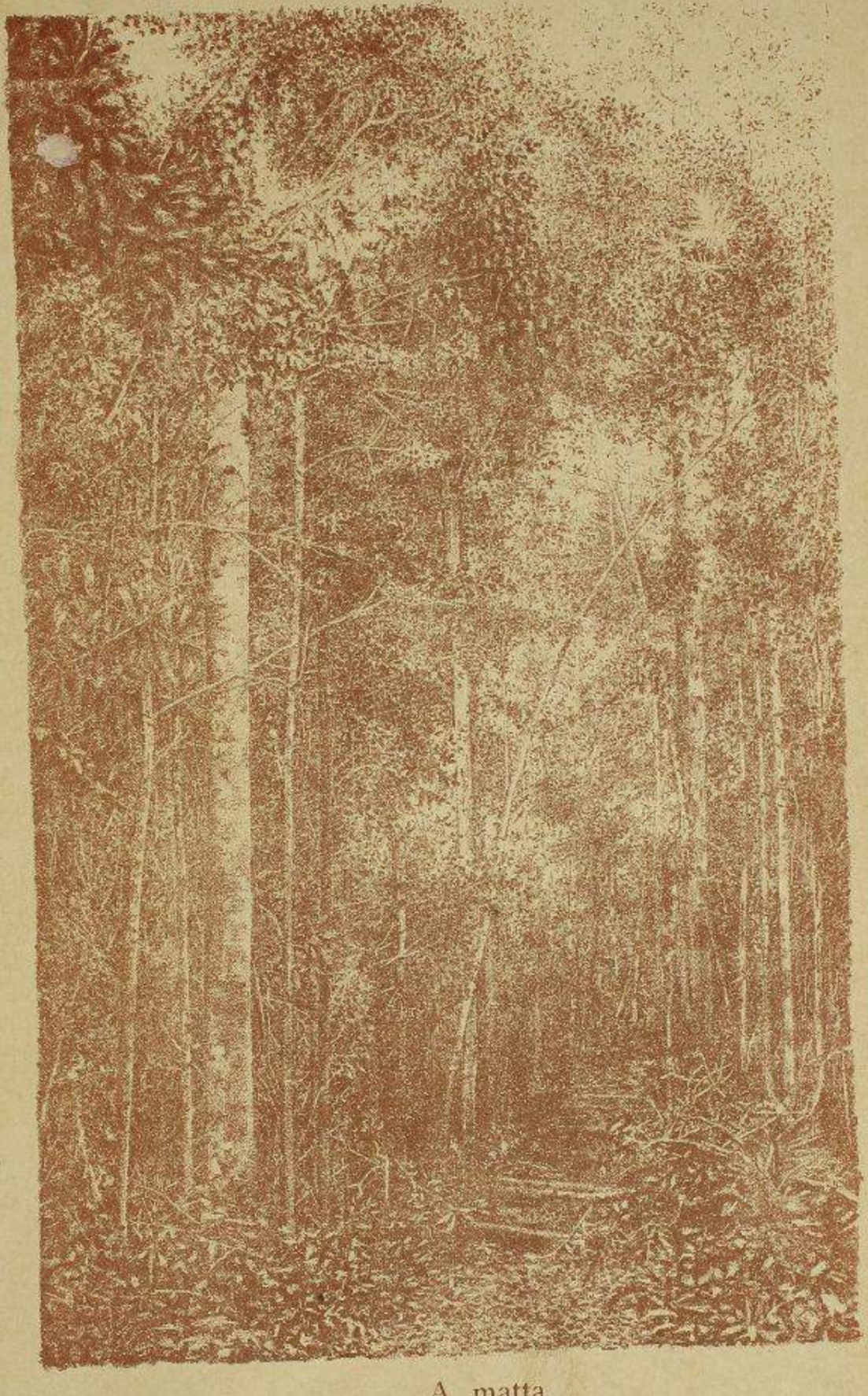
A collina que a pouca distancia acompanha a costa, ora se affastando, ora tornando mais estreita a facha que existe entre ella e o mar, ainda se acha coberta de matto, não mais o primitivo, porém de capoeirão bastante grosso, embora estragado pela acção do fogo e pela tiragem de madeiras. Esta collina que ao norte é baixa, vem se levantando até quasi a margem esquerda do rio João de Tiba, onde voltando-se para oeste, depois de formar o morro da Tromba, o vae acompanhando sempre. Ora alteiando-se para formar as Barreiras, ora se abaixando para formar os valles do Acuba, do Aramunguê, do Mutum, etc.

Na margem direita quasi a prumo com a altitude de 40 metros, é encimada pela velha egreja de Santa-Cruz: vae descendo e affastando-se da costa. Não é uma collina seguida, mas de espaço a espaço vae mudando de direcção para oeste, para dar passagem aos ribeiros da Fonte, Yáya e Mutary.

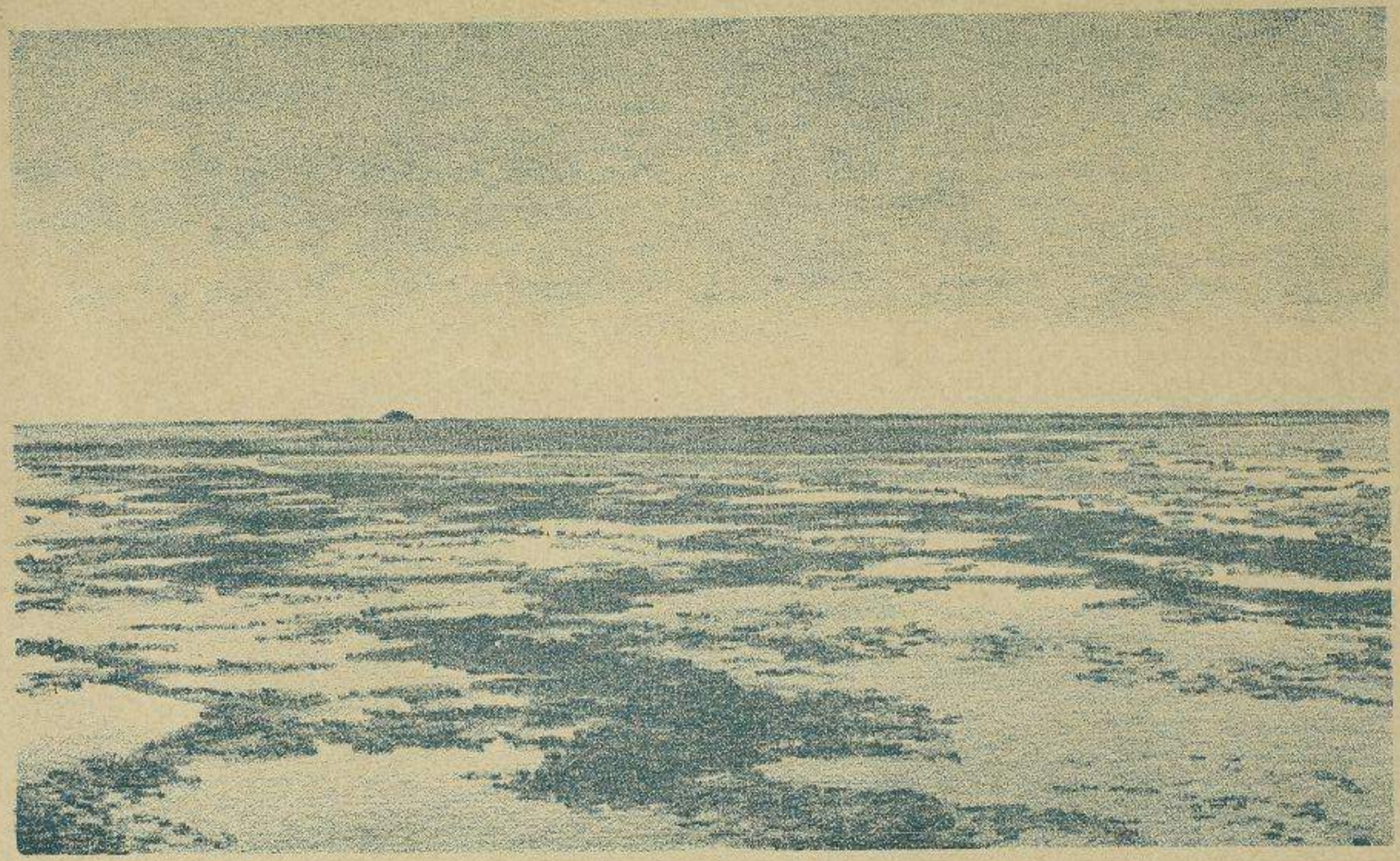


Igreja de Santa Cruz

No alto da collina caminhando para oeste estão os capoeirões que engrossam a medida que nos internamos, para repentinamente acharmo-nos em grandes campos, verdadeiras pastagens naturaes. Estes campos são divididos por fachas, mais ou menos largas de matto e se estendem a mais de seis leguas. Depois a matta, virgem não, pelos estragos dos córtes de madeiras.

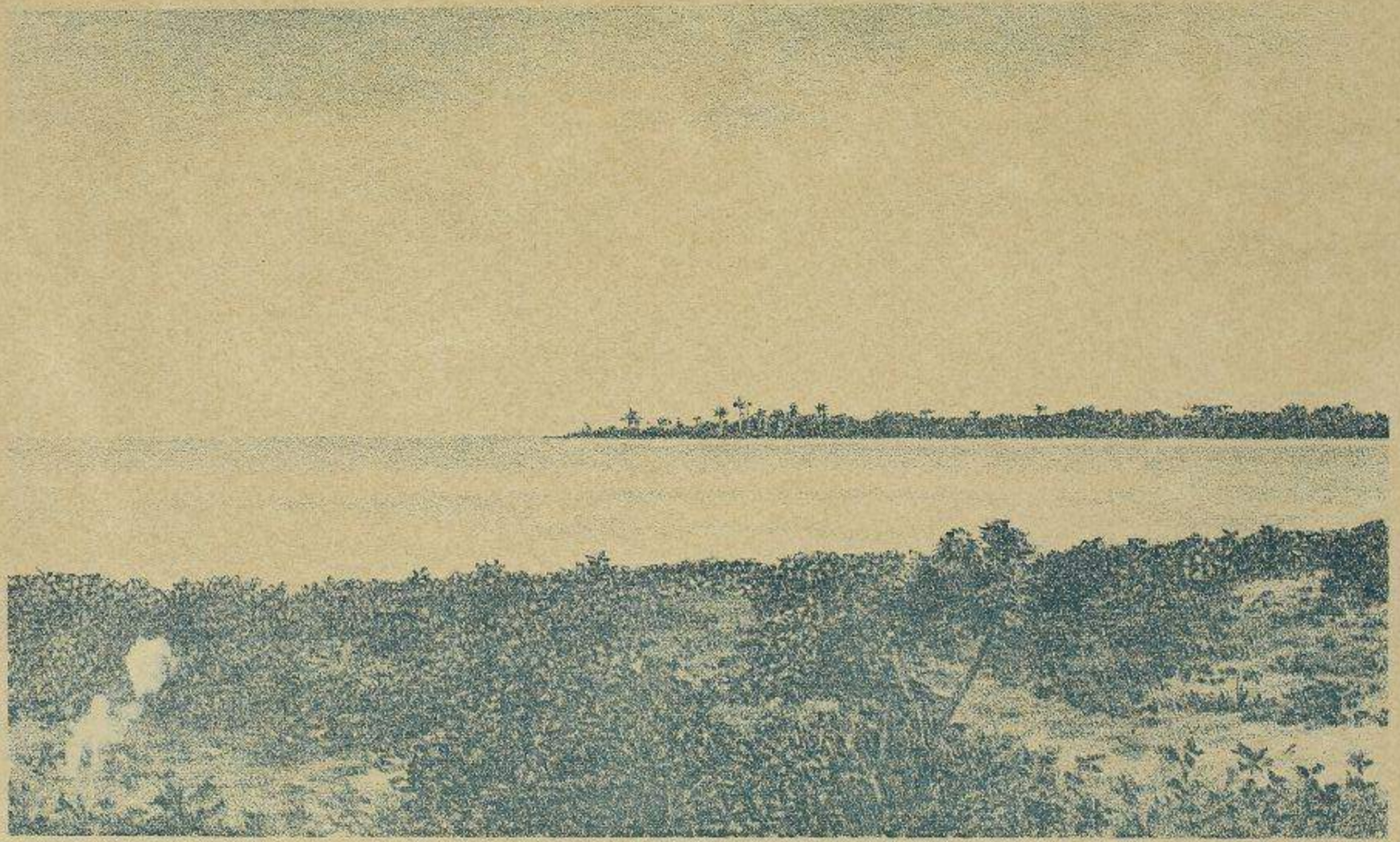


A matta



A Corôa Vermelha

Da Corôa Vermelha descortina-se toda a costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte até a ponta sul, onde se acha collocada a cruz dos capuchinhos. D'ahi domina-se toda a enseada do Mutá ao sul e barra do Mutary ao norte.



A enseada do Mutá

Foz do Mutary

IV

Rios e ribeiros

João de Tiba

Assim denominado por se haver estabelecido, no anno de 1530, em sua margem o colono portuguez João de Tiba. Desconhece-se o nome indigena deste rio que, nascendo na serra dos Aymorés e no valle do Jequitinhonha, é navegavel, por canôas, em quasi todo o seu curso, vindo lançar-se na bahia a 3.700 metros da villa de Santa-Cruz.

Vindo de oeste, depois de banhar a villa situada, hoje, em sua margem direita, volta-se, rapidamente, á tomar o rumo de NNE, correndo parallelamente ao mar ao longo do rochedo que lhe serve de caes, se lança no mar com uma foz de 280 metros de largura.

Na embocadura acha a sonda 5m,20, na prea-mar, e pelo canal até a villa varia a profundidade de 3 a 2 metros.

Os rochedos, que formam verdadeiro caes, á margem direita do rio, abrem-se a 1.850 metros da villa, dando por ahi passagem a embarcações pequenas. Chamam a esta passagem — Boqueirão.

As margens do rio são baixas e cobertas de mangues até a villa, indo d'ahi em diante o terreno se elevando em ambas as margens.

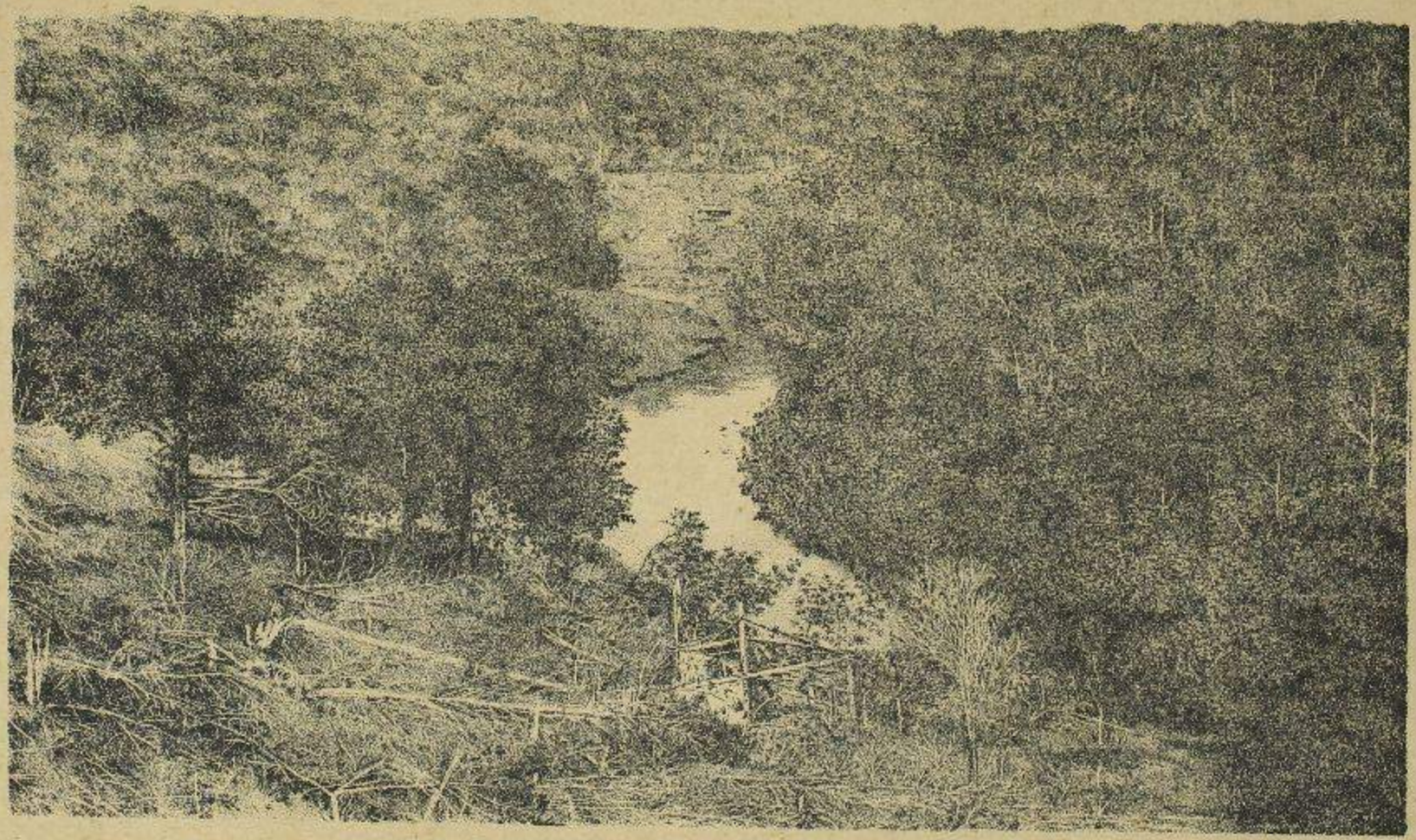
Das collinas que o margeam, da villa para cima, descem ribeiros que vêm engrossar as suas aguas.

Existem algumas cachoeiras muito acima da villa, mas faceis do transpôr em canôas.

Os principaes ribeiros que nelle desaguam são: o *Acuba*, verdadeiro canal que communica a rumo NS o rio Santo Antonio com elle, em uma extensão de 18.000 metros, tendo sua foz a um quarto de legua da villa; o *Caramogy* que, vindo de sudoeste, desagua fronteiro ao Acuba; o *Aramunguê* que, vindo do norte, desagua a uma legua do porto; o *Mutum*, tambem vindo do norte, se lança no João de Tiba a duas leguas da villa; o *Tanque* que, vindo do sul, se lança no rio depois de formar a grande lagôa; o *Ticupahy* que, vindo de sudooste, tem sua foz a quatro leguas de Santa Cruz; o *Bomsuccesso* que, vindo do norte, desagua uma legua acima do Ticupahy. Acima do Bomsuccesso, uma legua e meia, dá-se a confluencia dos dois braços do rio, vindo o ramo principal a rumo de NW e o outro do sul. O braço chamado do Norte vem do valle do Jequitinhonha, onde tem seus principaes affluentes, sendo o mais navegado.

O braço chamado do Sul, vem da Serra dos Aymorés onde tem sua origem. Na cabeceira do braço do Norte, a distancia ao Jequitinhonha é menor de 3 leguas. Ao ponto da confluencia dos dous braços, chamam *Ambalas aguas*.

O valle do rio João de Tiba é tão fertil como os dos rios Pardo e Jequitinhonha.



Valle do «João de Tiba» visto do alto dos Feijões

A matta margêa o rio em todo o seu curso, com interrupções muito pequenas das plantações de cereaes de alguns lavradores.

A floresta, grandemente damnificada pelos tiradores de madeira e piassava, está a menos de mil metros do rio.

Ribeiro Yáya

Correndo a rumo de N E, desemboca no rio João de Tiba e no mar, o ribeiro *Yáya*. Nasce da confluencia dos dois riachos *Yáya da Praia* e *Yáya Grande*, que se encontram a pequena distancia ao sul da villa.

Yáya da Praia tem nascimento em uma grande lagôa e corre do sul para o norte e o *Yáya Grande* nasce na collina e vem de sudoeste para o norte. Estes dois riachos, um nascendo na lagôa, completamente coberta de juncos, tem pequeno declive e margens arenosas e descobertas; mantem temperatura que varia de trinta á trinta e cinco gráos centigrados; o outro, *Yáya Grande*, nascendo na collina, tem grande velocidade, percorre, até a confluencia, terreno coberto de vegetação e mantem temperatura que varia de vinte á vinte e cinco gráos, tambem centigrados; razão porque o vulgo diz: que um é d'agua quente e o outro de agua fria, attribuindo-lhes virtudes medicinaes que escapam a minha competencia dellas tratar.

As aguas do Yáya, depois da confluencia, são engrossadas pelo riacho da Fonte, onde se abastece a população da villa.

Depois de penetrar na villa bifurca-se o riacho, indo um braço lançar-se no João de Tiba e o outro no mar, por entre rochedos.

Chamam a fóz do Yáya, no mar, *Aracacahy* e assim, tambem denominam os recifes, neste ponto da costa.

Esta passagem por entre recifes só não é vedada á canôas, na prêa-mar, isso mesmo com grandes riscos, pois o mar sempre quebra com furia.

Aracacahy

Ribeirão Mutary

Este ribeirão chamado pelos indigenas *Itacumirim*, nasce a rumo de sudoeste e, depois de percorrer grande distancia com esta orientação, volta-se para leste em procura do mar. Antes, porém, de ahi chegar, bruscamente, volta-se para sueste e percorre 719 metros parallelamente ao mar; lançando-se na bahia Cabralia a oitocentos metros ao norte de sua extremidade sul; tendo antes a 210 metros recebido as aguas do riacho Jardim, que vem do sul.

Este ribeirão que tem em média 4.m80 de largura, corre em leito muito alto, de modo que as marés tem, sómente, influencia á muito pequena distancia da costa.

A sua fóz muda de direcção. Ora está voltada para nordeste, se os ventos são do quadrante opposto, ora para sudoeste; se os ventos sopram de nordeste.

Percorrendo toda a costa, quer da bahia Cabralia desde a ponta de Santo Antonio, até a Corôa Vermelha; quer dahi até o rio Buranhen, em Porto-Seguro; só encontramos, desaguando no mar o ribeirão de que tratamos.

O Yáya, como dissemos, desagua por um dos seus dois braços no mar, por entre os recifes Aracacahy, mas, quer na baixa, quer na prêa-mar suas aguas são salgadas devido ao nivel muito baixo do seu leito.

Viajando da Corôa Vermelha, pela costa para o sul, encontramos tres pequenas lagôas salgadas, cujas communicações com o mar, só se estabelecem nas marés altas.

Chamam-se estas lagôas *Sabacús*. Ainda encontramos o riacho do *Mangue*, baixo, lodozo, salgado e sem valor algum, pois sua barra tambem fica fechada, na baixa-mar, pelos comoros de areia; o mesmo acontecendo aos feletes d'agua *Fonte* e *S Francisco*.

Podemos, pois, affirmar, sem receio de contestação, que o unico riacho, ribeiro ou ribeirão de agua dôce, que desagua no mar desde a ponta de Santo Antonio até o rio Buranhen, é o ribeirão *Mutary*.

V

Santa Cruz

Demora esta villa a 16°—13'—20" de latitute e 4°—8'—40" de longitude do meridiano do Rio de Janeiro.

Sendo a primeira terra descoberta, só foi elevada á cathegoria de villa pelo Decreto de 13 de Dezembro de 1832; dando o Presidente da Provincia, em 18 de Maio de 1833 os limites do novo municipio que são a leste: uma legua para o sul (ponta do Mutá) e cinco para o norte (barra do rio Mugiquissaba).

Teve logar a installação da villa no dia 23 de Julho de 1833.

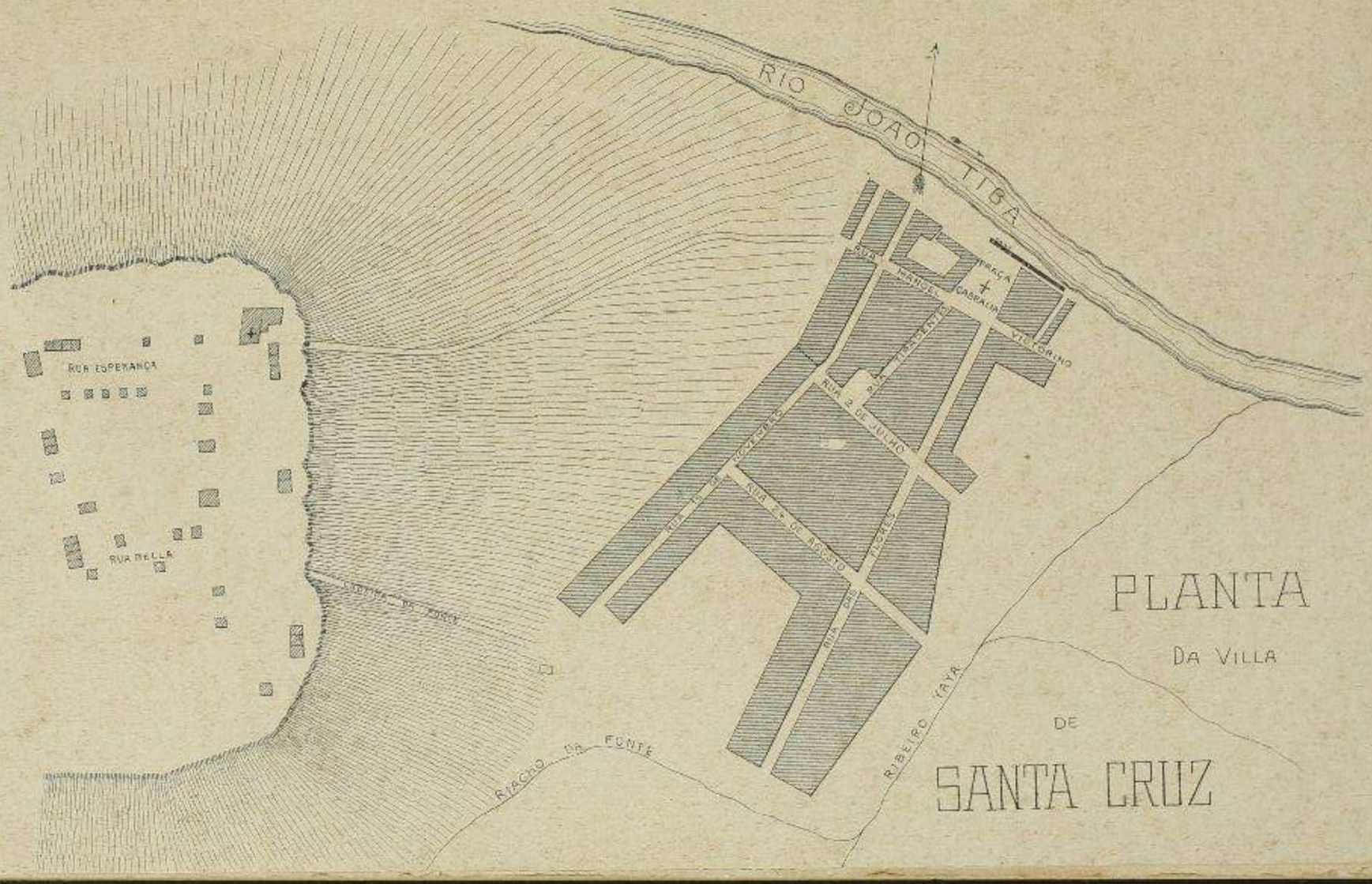
No anno de 1530, veio estabelecer-se á margem do rio o colono João de Tiba, primeiro habitante civilisado, depois do descobrimento. Exclusão feita dos degradados deixados por Cabral e dos dois grumetes desertores.

No anno de 1535 veio com sua familia, tomar posse da capitania, que lhe havia sido doada Pero do Campo Tourinho indo estabelecer a séde á margem do rio Buranhen, onde Christovam Jacques já havia fundado uma colonia. Pero do Campo Tourinho fundou em 1536 as povoações de Vera-Cruz, onde já a 6 annos se achava João de Tiba e a de Santo Amaro ao sul do Buranhen.

Muitas vezes foi Vera Cruz arrasada pelos Aymorés, razão pela qual não desenvolveu-se como Porto-Seguro,

que, sendo a séde da Capitania, chamou para si até a denominação dada por Cabral a bahia que lhe serviu de abrigo.

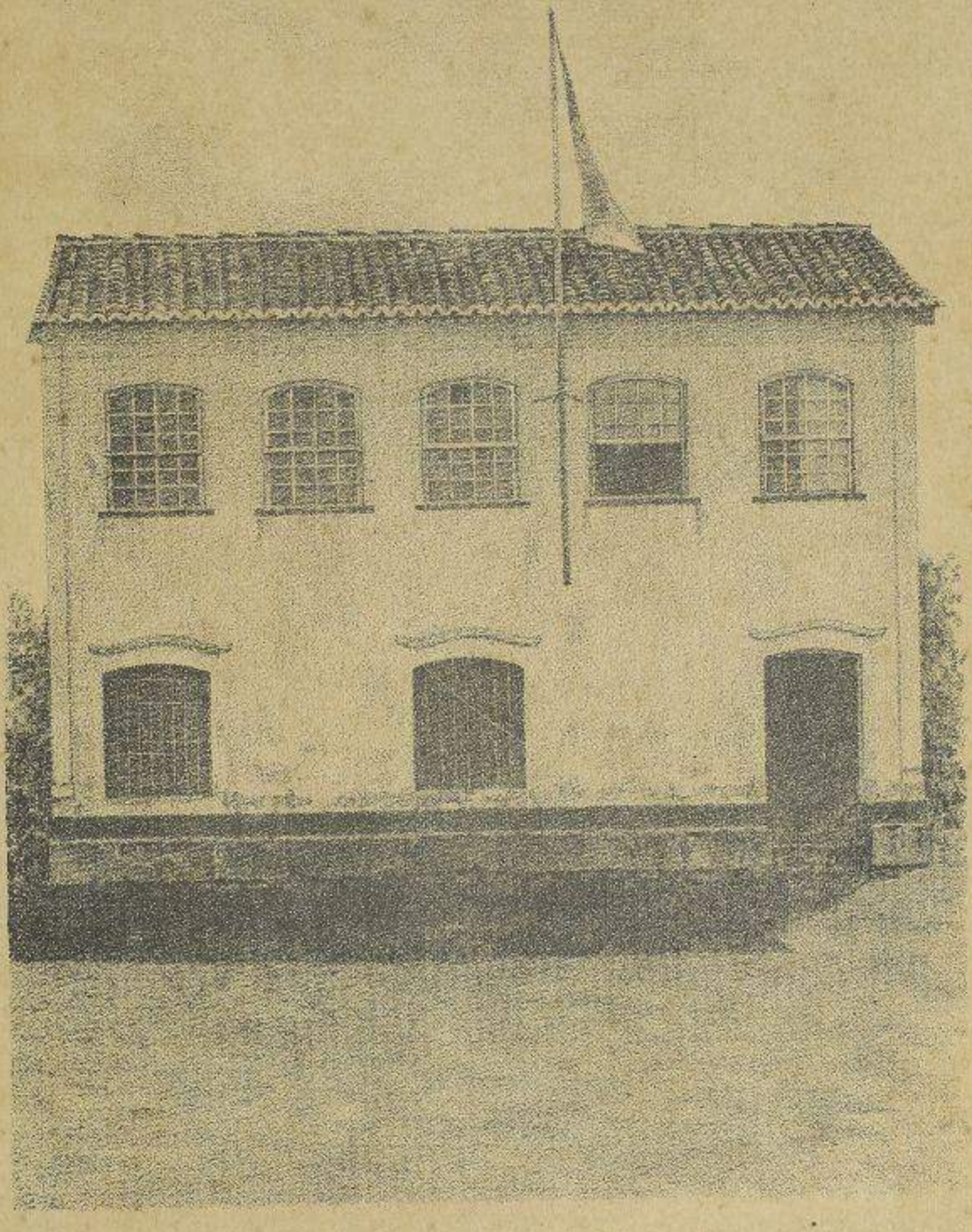
Conta a tradicção local, que o ultimo arrasamento, teve logar em noite de Natal de anno não lembrado. Referem: que estando toda pequena população na egreja e o padre celebrando, sentiu-se ella cercada pelos Aymorés; que o vigario depois de lançar a benção, sem ser a occasião prescripta na ceremonia, collocou a patena sobre o calix e procurou sahir pela porta que se abre para leste; mas sendo perseguido, tentou descer pela ingreme rampa do fundo da egreja por onde rolou á margem do rio. Dizem, ainda, que á este ultimo massacre, somente escaparam dois meninos que foram pela costa dar noticia em Porto-Seguro. Asseveram tambem que annos depois foram achados, na margem do rio, a patena, o pé do calix e a ossada do padre, cujo nome não conservaram.



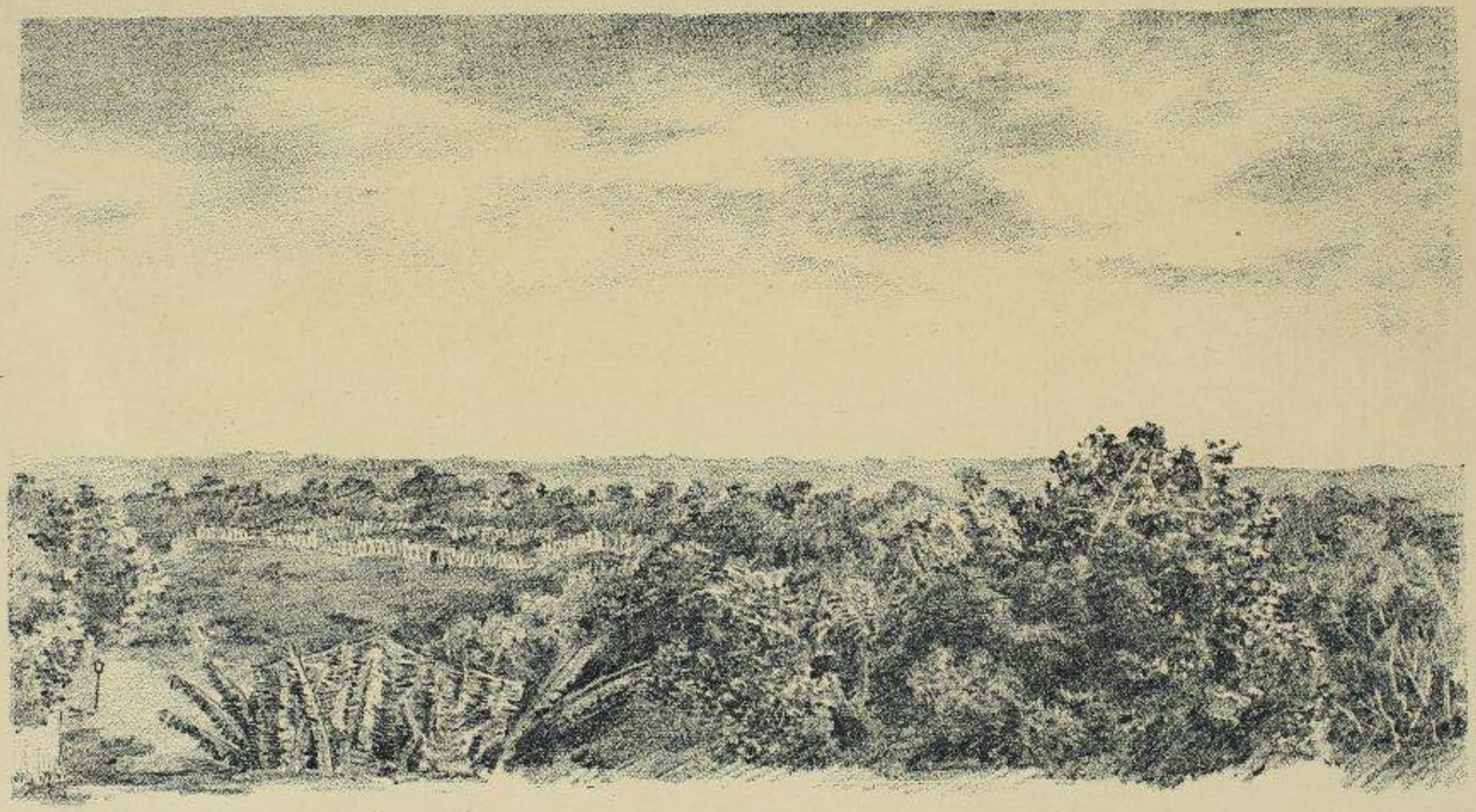
PLANTA
DA VILLA
DE
SANTA CRUZ

Divide-se a villa em parte alta e parte baixa ou á margem do rio.

Aquella foi a primeira edificada e as ruinas existentes attestam certo desenvolvimento que teve. As construcções eram boas e em sua totalidade de alvenaria de pedra. As casas eram espaçosas e de certo gosto. Hoje, em quasi abandono pela edificação da parte baixa, onde se acha o pequeno commercio, conta a casa da Camara Municipal, a egreja bastante arruinada e quarenta e seis casas muito estragadas.

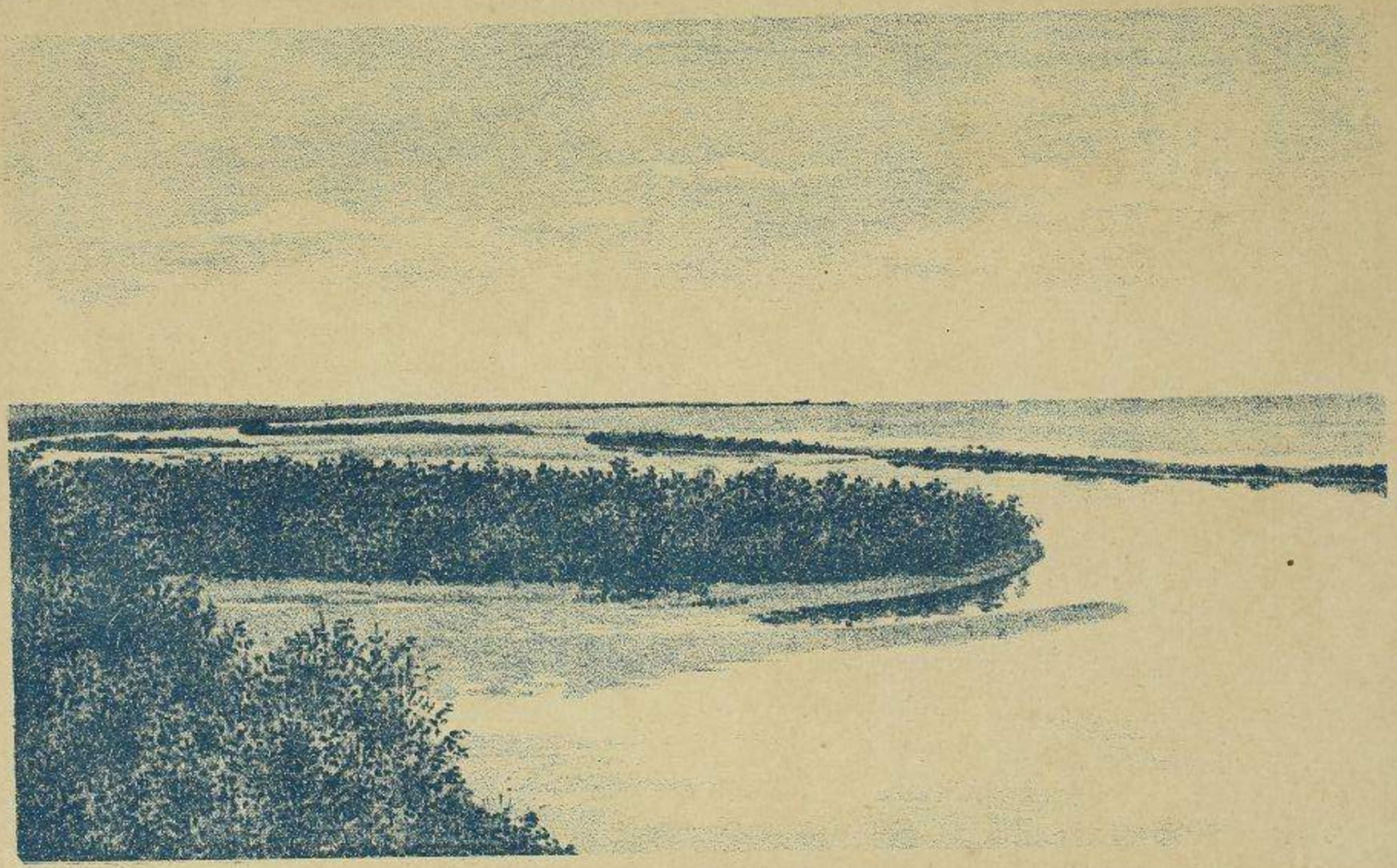


Casa da Camara Municipal da Villa de Santa Cruz

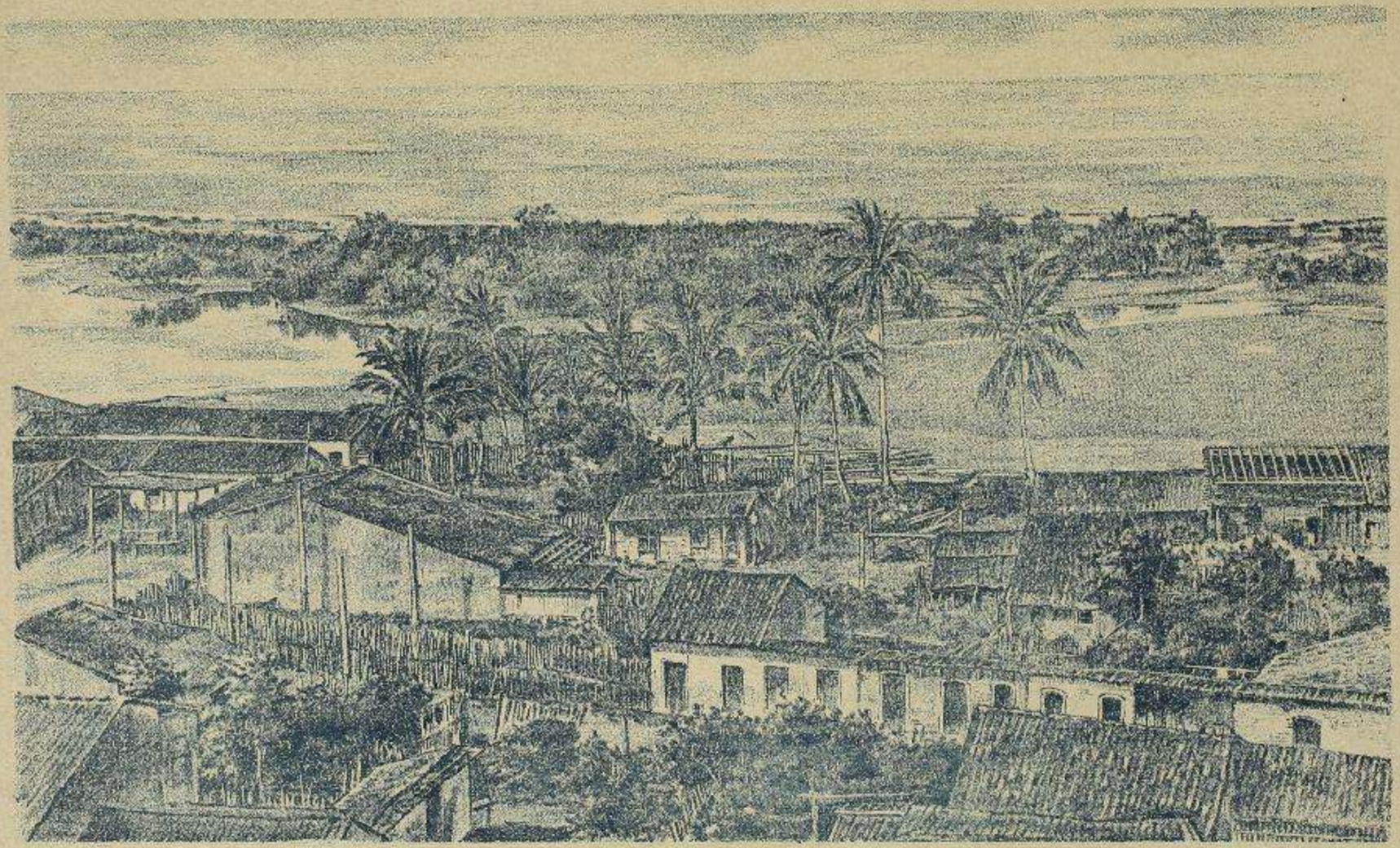


Villa de Santa Cruz (PARTE BAIXA)

Esta parte da villa, situada no alto da collina e a quarenta metros acima do nivel do mar é muito saudavel. Dahi descortina-se um dos mais soberbos panoramas. Vê-se ao norte a parte da bahia comprehendida entre a foz do João de Tiba e a ponta de Santo Antonio; junto a praia o recife Itassemerim; no mar o Sequaratyba, o Itassepanema encimado pela Corôa Alta; a parte baixa da villa á margem do rio;

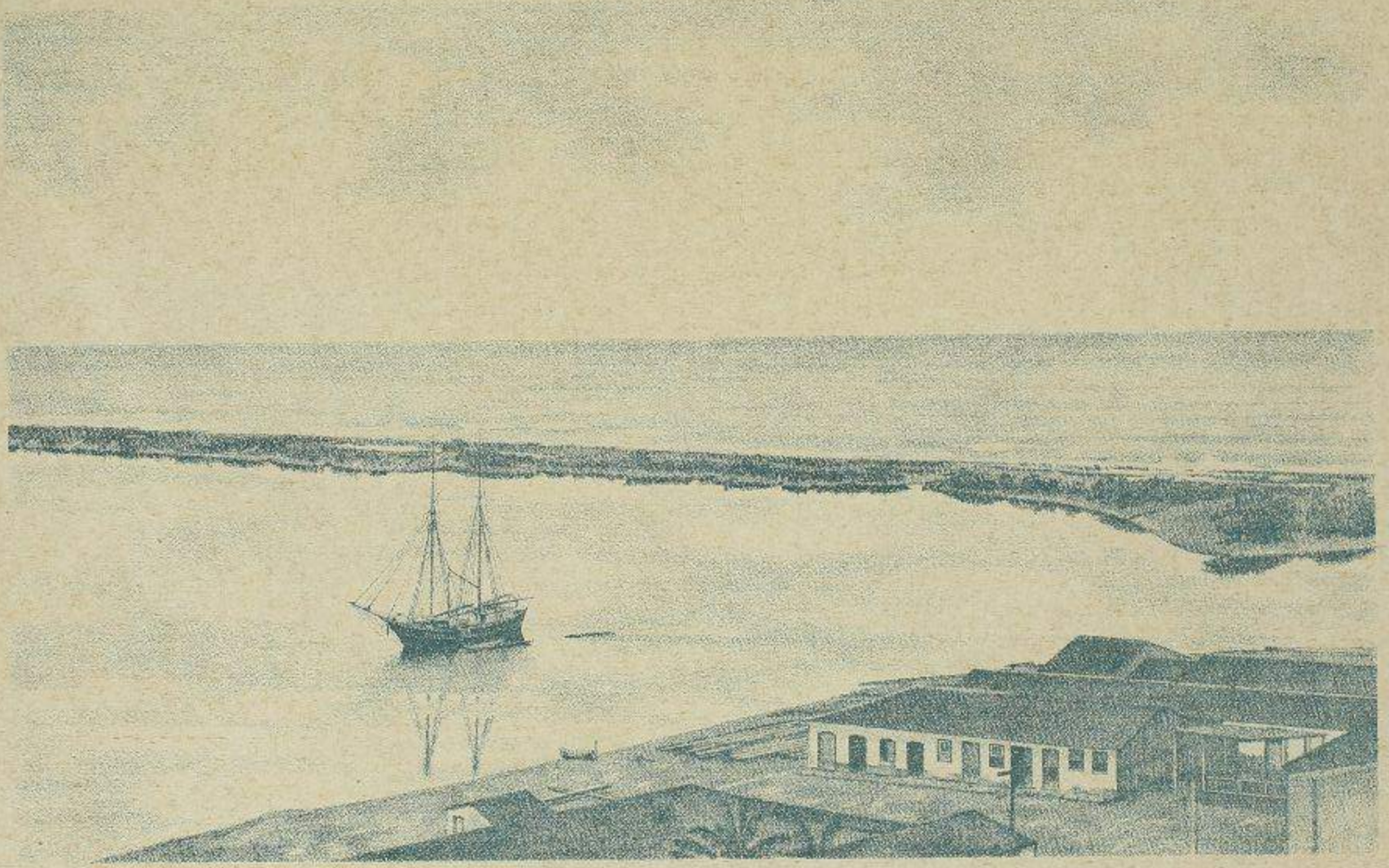


A ponta de Santo Antonio



Villa de Santa Cruz (PARTE BAIXA)

a leste o caes natural formado pelos recifes que margeam o rio; os Boqueirões Grande e Pequeno, as Alagadas; as ilhas cobertas de mangues que esmaltam o rio, e por entre coqueiros a barra do Yáya dentre os rochedos Aracacahy.



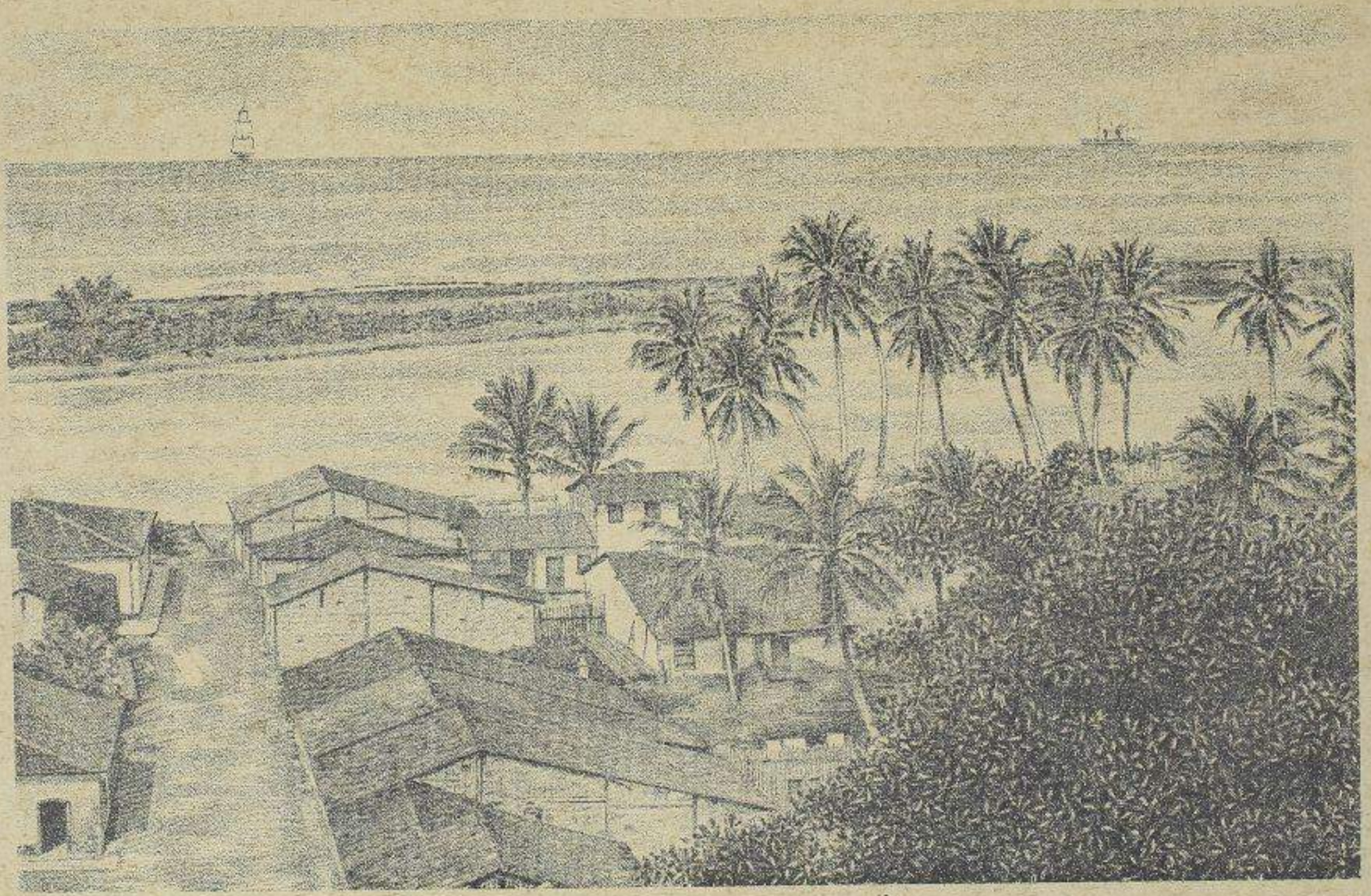
O caes natural

Ao sul a curva graciosa da bahia, como que traçada por gigantesco compasso; a barra do Mutary; a ponta sul da costa onde a 3 de Março de 1898 collocaram os missionarios Capachinhos uma cruz de madeira e finalmente a Corôa Vermelha.

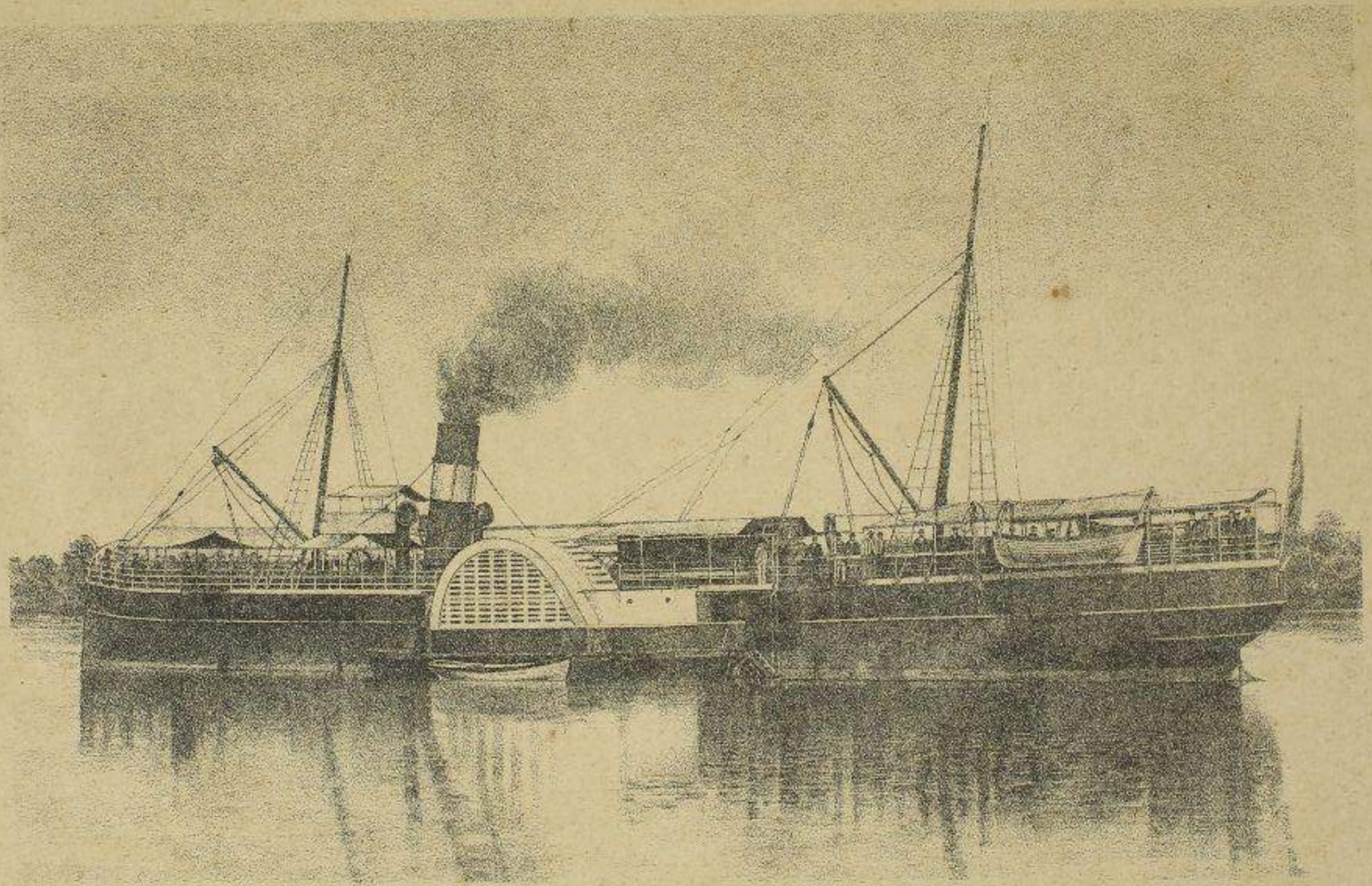
A Corôa Vermelha (Vista de terra)

A parte baixa da villa é regularmente arruada, possue algumas casas boas, embora se note achar-se em decadencia.

Está edificada á margem direita do João de Tiba.



No seu porto, porém, podem ancorar navios que demandem um metro e setenta centimetros. A gravura mostra o *S. Felix* ancorado no porto.



O vapor *S. Felix* ancorado no porto da Villa de Santa-Cruz

Toda a villa conta actualmente 268 fogos, com 832 almas, contando o municipio 6.200.

A renda municipal é orçada em 3:500$000.

O registro civil annotou, em 1898, 22 casamentos, 48 nascimentos e 9 obitos.

Tem o municipio duas escolas sendo uma para cada sexo, funccionando ambas na villa em predios que carecem das condições para este fim.

A pobreza faz com que nem toda a população escolar esteja matriculada. A escola do sexo masculino tem matricula de 43 alumnos e frequencia de 30. A do sexo feminino tem de matricula 39, de frequencia 35.

Concorre o municipio para a manutenção das escolas com a 6ª parte de sua renda, contribuindo o Estado com o restante.

VI

O fundo da bahia

O FUNDO do mar, dentro da bahia, é de areia ou de vaza, existindo, em alguns pontos, conchas e cascalhos, salvo nas proximidades da costa e perto dos recifes que margeam o rio, que é de calcareo e nas passagens dos Boqueirões que o fundo é formado pelos recifes das Alagadas.

VII

Sondagem

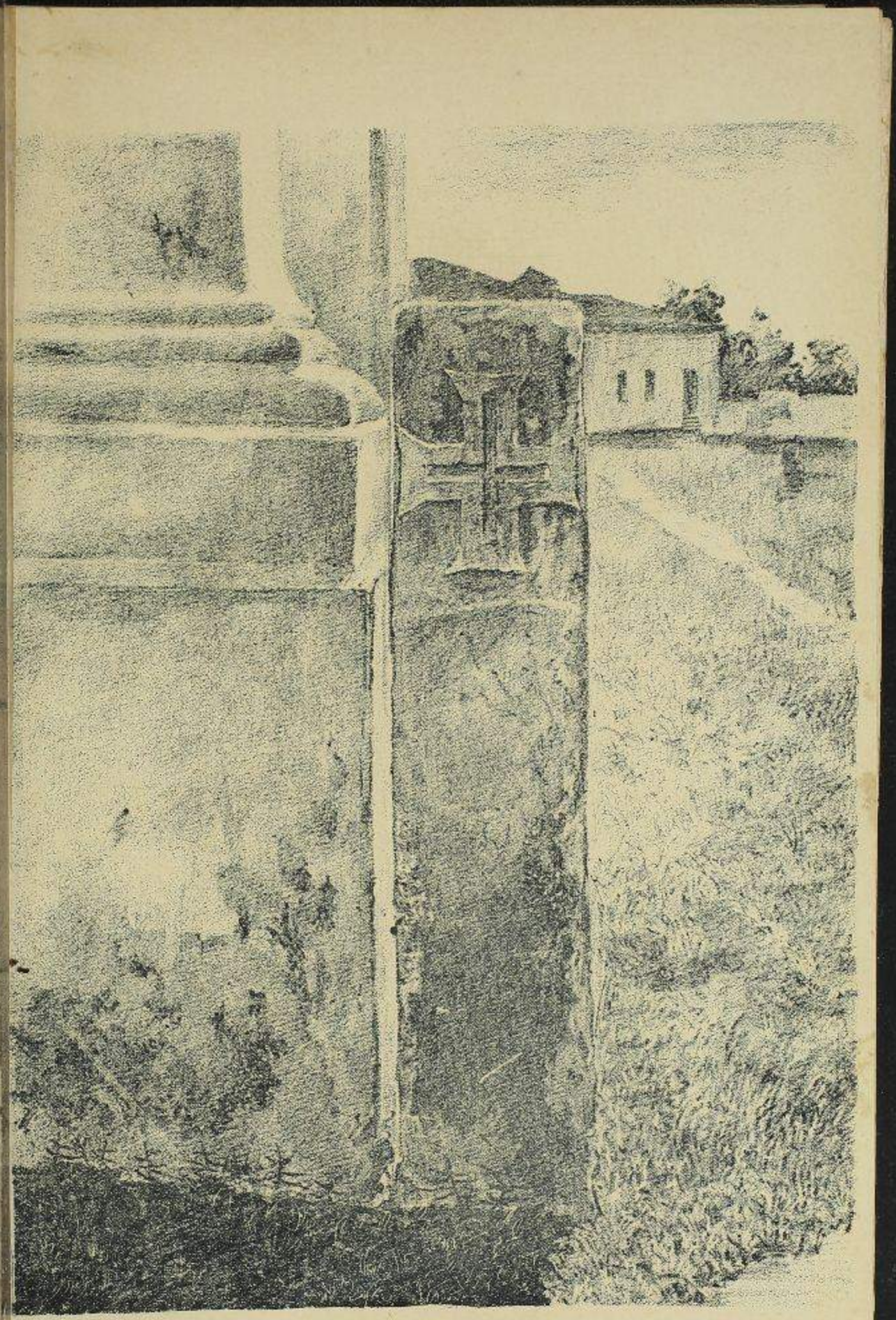
As sondagens da bahia e do rio constam do mappa, tendo sido effectuadas na baixa-mar e referidas sempre ao metro.

VIII

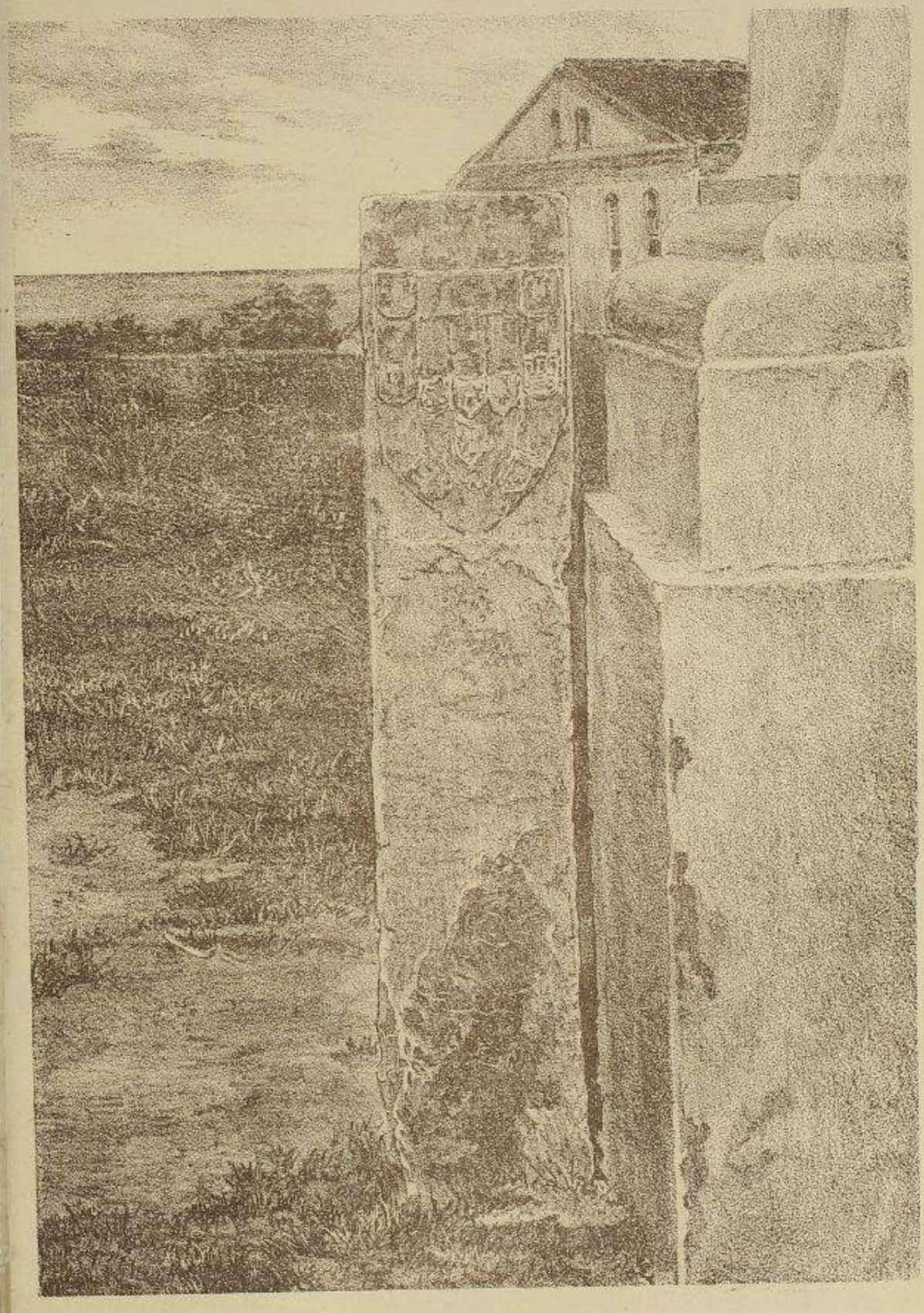
Marcos

Percorrendo toda a costa, desde a ponta de Santo Antonio, até o rio Buranhen, em Porto-Seguro, assim como o interior, não encontramos senão dous marcos.

Um de madeira, fincado na ponta do Mutá, pelas Intendencias de Santa-Cruz e Porto-Seguro, para assignalar os limites dos dois municipios; outro de cantaria portugueza, lavrado em quina viva, tendo em uma das faces a Cruz de Aviz, e na outra as armas de Portugal.

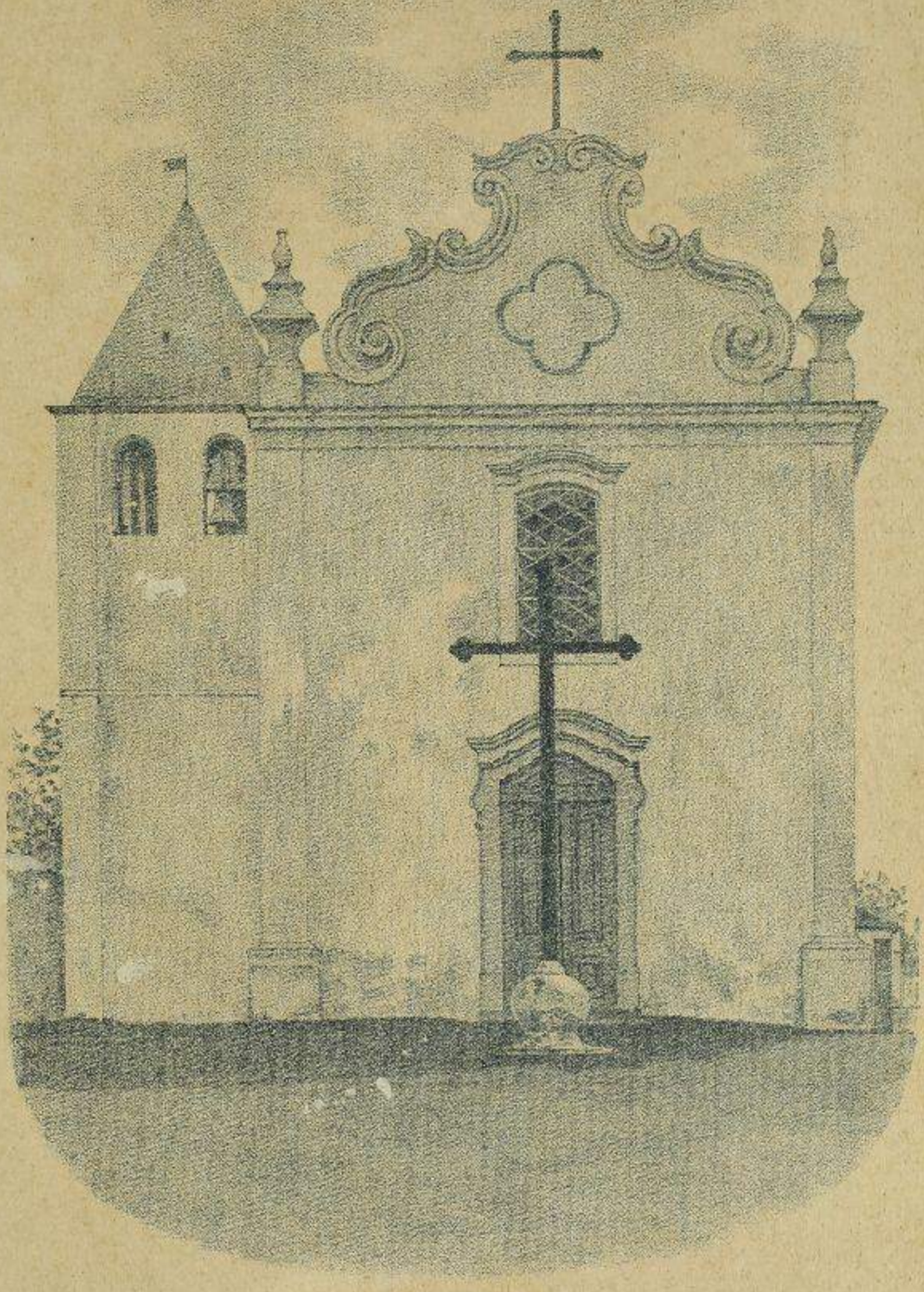


Marco. Face da cruz



Marco. Face das armas

Este marco está collocado ao lado da egreja de Porto-Seguro; olhando a Cruz para sueste e as armas para noroeste.



Igreja de Porto-Seguro

Referem os habitantes antigos que semelhante marco existia no meio da praça de Porto-Seguro, mas que dahi foi tirado para ser collocado onde hoje se acha, afim de evitar os choques dos carros e cargueiros que por alli passavam.

Devido a confusão que pretendeu lançar sobre a primeira pagina de nossa historia o Sr. Visconde de Porto-Seguro, ficou nos filhos dessa localidade a crença de que foi ella a primeira terra descoberta. E, como faltem a bahia de entrada *mui larga e alta, a ancoragem tão grande, tão formosa e tão segura que podem jazer dentro nella mais de trezentos navios e náos*, a Corôa Vermelha e as demais condições tão bem descriptas por Caminha; mostram elles o marco, como tendo sido alli plantado por Pedro Alvares Cabral para assegurar a posse da terra descoberta, em nome de El-Rei D. Manuel.

Refutando e cabalmente demonstrando os erros commettidos pelo Visconde de Porto-Seguro, o Sr. General Henrique de Beaure-paire Rohan, cuja competencia ninguem contestará, escreveu o *Primitivo e actual Porto-Seguro*, memoria que publicou em 1881, onde se lê a confirmação das descripções feitas por Pero Vaz de Caminha em sua carta ao rei D. Manuel, escripta no ancoradouro de Vera Cruz e datada de 1.º de Maio de 1500 (11 de Maio).

Depois da memoria do Illustre General, veio ainda á discussão o assumpto e sobre elle o Sr. Catramby, em resposta ao Almirante Fonseca, magistralmente tratou da questão, dando a ultima de mão a um assumpto que o Sr. Visconde de Porto-Seguro *quiz pôr em jogo para estropiar a historia do descobrimento* (palavras textuaes do General Beaure-paire).

Esquecem os que mostram o marco, como tendo sido alli deixado por Cabral, de que as armas de Portugal foram pregadas na primeira cruz em 1.º de Maio de 1500 (11 de Maio) e não gravadas em marco de cantaria.

Diz Caminha: *Chantada a cruz com as armas e divisas de Vossa Alteza que lhe primeiro puzeram*, etc.

O marco em questão, segundo refere a tradicção transmittida até nossos dias, foi alli collocado por Pero do Campo Tourinho, primeiro donatario da Capitania de Porto Seguro.

IX

Onde se abasteceu d'agua a esquadra de Cabral

Como já dissemos, em toda a costa, desde a ponta de Santo Antonio até a Corôa Vermelha, apenas dois ribeiros desaguam no mar.

Um o Yáya, por entre os rochedos do Aracacahy, onde o mar sempre quebra com vigor, de leito muito baixo, salgando o mar as suas aguas, até mui grande distancia, não dando entrada á escaleres ou esquifes antigos, nem fundiadouro aos mesmos, como veremos por simples inspecção do mappa, gozando de tão insignificante importancia que, nem Mouchez, Argollo ou Baggi o mencionam em seus respectivos mappas.

O outro, o Mutary (Itacumirim) ao sul do primeiro, vindo de oeste, depois de percorrer 719 metros parallelamente a costa, se lança na bahia em um dos melhores pontos da ribeira.

D'ahi para o sul até o rio Buranhen, como já referimos, nenhum riacho existe.

Diante de facto tão positivo podemos affirmar que a esquadra de Cabral se abasteceu d'agua no ribeirão Mutary, affirmativa que não pode soffrer contestação.

Diz Caminha que no domingo, 26 de Abril (6 de Maio) —*Fomos todos nos bateis em terra armados e a bandeira comnosco elles (indios) andavam alli na praia a bocca do rio onde*

nós iamos e antes que chegassemos do ensino que d'antes tinham pozeram todos os arcos e accenaram que sahissemos e tanto que os bateis pozeram aspriôas em terra passaram-se logo todos além do rio o qual não é mais ancho que um jogo de manguás, etc. Mais adiante lemos: *E depois moveu o capitão para cima ao longo do rio que anda sempre ao carão da praia, etc.*

O rio que não é mais ancho que um jogo de manguás e que anda sempre ao carão da praia é o ribeirão Mutary.

X

Onde foi collocada a primeira cruz

Não são simples presumpções que nos levam a affirmar que a cruz plantada por Cabral, tendo n'ella pregadas as armas e divisas de El-Rei D. Manuel, foi erguida á margem do ribeirão Mutary.

Além do facto material de não existir, desaguando na bahia, tendo *praia a bocca*, outro rio, ribeirão ou riacho, que *corra ao carão da praia*, de aguas não salgadas e em cuja foz póde atracar escaler, bote, batel ou esquife; temos a carta de Caminha, primeira pagina da nossa historia, escripta no mesmo dia do descobrimento da terra de Vera-Cruz.

Diz Catramby que « se outro qualquer documento não existisse bastaria somente ella para nos levar com segurança ao ponto dssejado ».

Narrador imparcial e observador profundo, não emmittiu uma asserção que não se encontre, ainda hoje, a mais peremptoria confirmação.

Diz elle: *Hoje que é sexta-feira primeiro dia de Maio (11 de maio) sahimos pela manhã em terra com a nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar a cruz para ser melhor vista e alli assignou o Capitão, onde fizemos a cova para chantar e emquanto a ficaram fazendo, elle e todos*

nós outros fomos pela cruz abaixo do rio onde estava. Trouxemol-a d'alli com esses religiosos e sacerdotes diante, cantando maneira de procissão. Eram já alli muitos d'elles (indios) obra de setenta ou oitenta e quando nos assim viram vir alguns d'elles se foram metter debaixo d'ella a ajudar-nos. Passamos o rio ao longo da praia e fomol-a por onde havia de ser que será do rio obra de dous tiros de bésta.

O ribeirão Mutary que não é mais *ancho que um jogo de manguás,* pois tem em média 4^{m}80 de largura e que corre parallelamente ao mar ou *que anda ao carão da praia* 719 metros é o referido por Caminha.

A distancia que o separa do mar sendo, em média, de 25 metros e a ribeira constituida por comoros de areia, não foi necessariamente ahi que plantou Cabral a primeira cruz. Além de que falta uma das condições descriptas—a distancia que medía da cruz ao rio *que será obra de dois tiros de bésta.*

PLANTA

do ribeirão

MUTARY

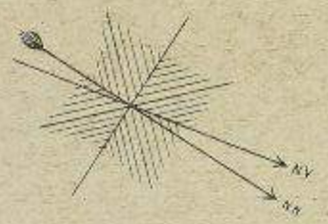
Levantada por ordem do

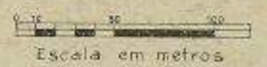
Illmo e Exmo Senr Cons^o Luiz Vianna

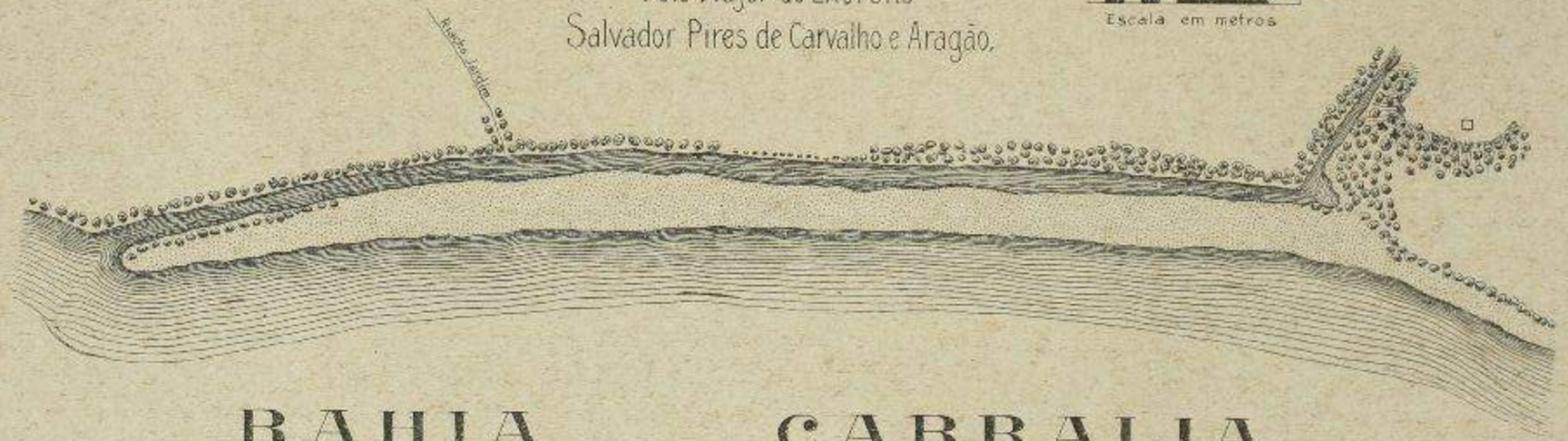
Governador do Estado

Pelo Major do Exercito

Salvador Pires de Carvalho e Aragão.







BAHIA CABRALIA

Subindo o rio desde a sua fóz na distancia de 719 metros que elle *corre ao carão da praia* muda rapidamente a orientação junto de um pequeno morro coberto, hoje, de palmeiras ficando perfeitamente visivel do mar do qual dista cento e poucos metros. Da parte plana da pequena elevação ao rio distará *obra de dous tiros de bésta* (45 a 50 metros).

Esta elevação está acima do nivel do mar onze metros rodeada de jussaras e mussandós e estende-se para oeste acompanhando o rio na distancia de mais de um kilometro.

XI

Pontos onde podem atracar embarcações pequenas

Da foz do rio João de Tiba até o Aracacahy existem os recifes que formam o caes natural que separa o rio do mar e onde não póde atracar embarcação alguma, do lado da bahia.

Do Aracacahy para o sul a costa muito alcantilada não permitte atracar embarcações. Depois da praia assim alta conhecida por *Praia dos Lençóes*, por ter junto ao mar areia propria das costas encimando-as uma facha de areia branca que do mar bello effeito produz; o talude da costa vae suavemente tornando-se mais doce até as proximidades do Mutary e d'ahi para o sul até a Corôa Vermelha em qualquer ponto podem atracar lanchas, escaleres, botes, bateis, esquifes ou canôas.

XII

Vestigios dos indios encontrados por Cabral

Não existem vestigios materiaes dos indios encontrados por Cabral nem mesmo descendentes directos que tenham d'elles conservado a pureza da raça primitiva.

Os typos que aqui apresentamos são, como se vê, individuos já degenerados, conservando, apenas, traços mui apagados dos seus primévos, devido ao crusamento.

Estes typos são os melhores que encontramos n'esta região.

Procural-os nas proximidades da serra dos Aymorés, seria falsear as investigações porquanto, os habitantes selvicolas que alli existem não são da mesma raça dos encontrados por Cabral e tão bem pintados por Caminha.

Como sabemos o sul do Estado era habitado pelos Tupiniquins, raça forte e valente, tratavel e bôa; ao passo que os senhores dos Aymorés são máos e vingativos, bravios e traiçoeiros.

Os indios encontrados por Cabral uzavam de *tatuagem*, trabalho de garridice a que não se entregam os Aymorés.

A delicadeza do *tembetê*, ainda vem confirmar que não dominavam aquellas paragens os grosseiros *butucúdos*. O trato amigavel e hospitaleiro, contrasta com a brutalidade dos arrasadores de Vera-Cruz.

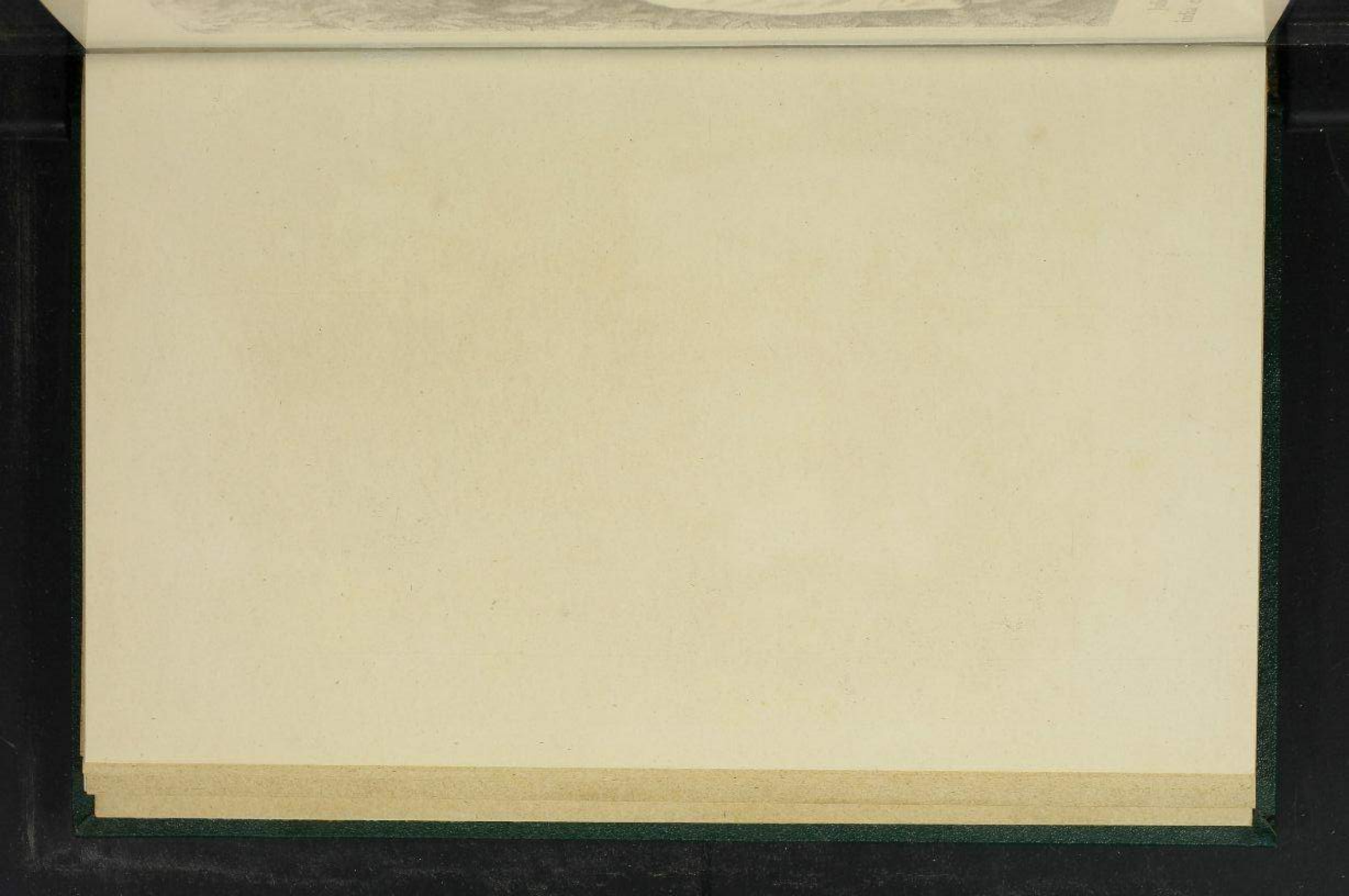
Chamamos, ainda, em nosso auxilio, Ferdinand Dinis que fallando de Caminha diz: «graças ao raro talento de observação de que era dotado, graças, sobretudo a facil ingenuidade de seu estylo o Brazil teve um historiador no proprio dia de seu descobrimento. Caminha descreve admiravelmente os sitios que teve sob os olhos e os traços salientes da nação Tupiniquin que os portuguezes acharam de posse d'essa bella região».

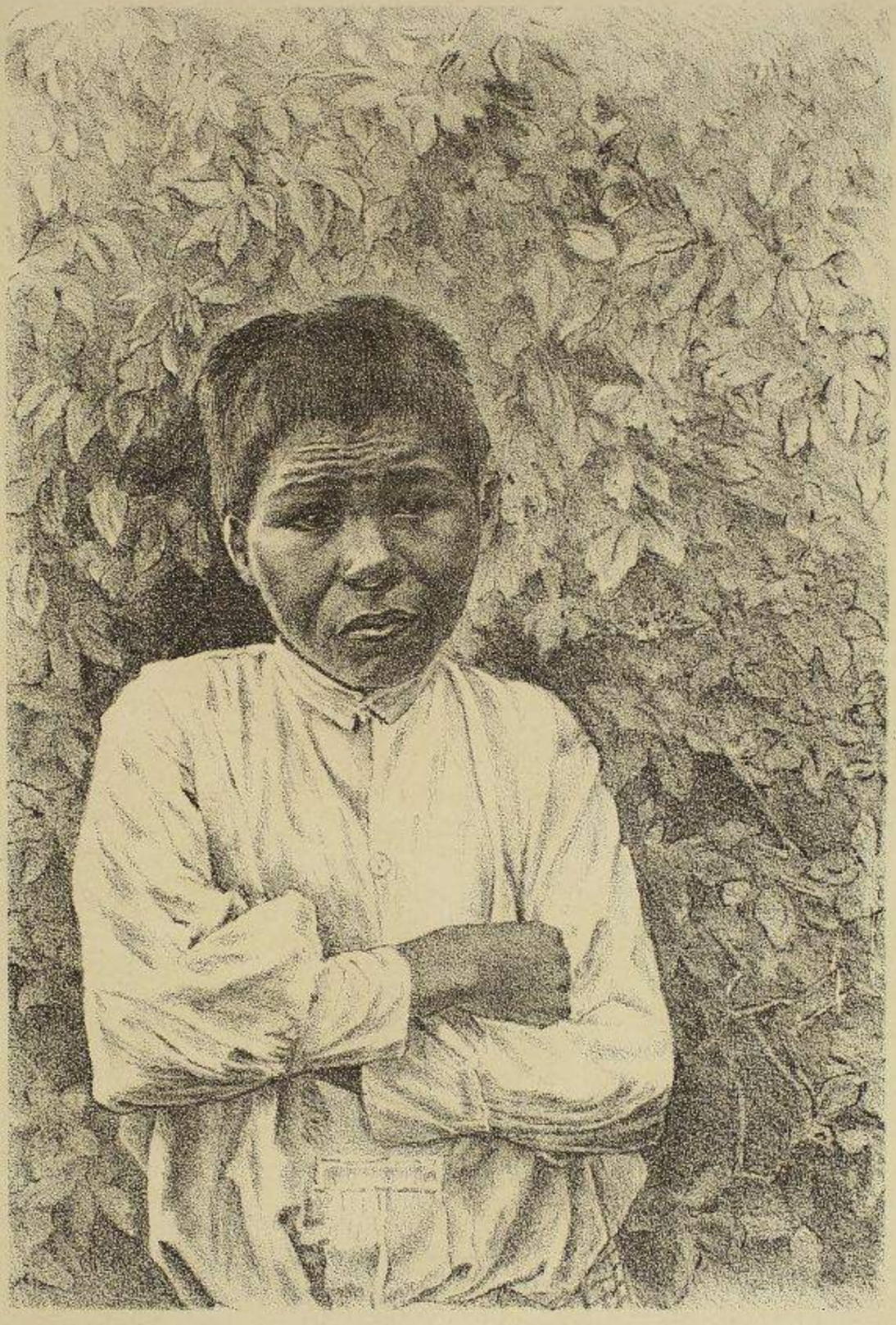
Em Olivença, tres leguas ao sul da cidade de Ilhéos «vivem em palhoças descuidados do futuro» indios descendentes da grande nação Tupiniquin.

Hoje, vão rareando os representantes da raça pura porquanto os elementos preto e branco e suas multiplas combinações tem concorrido para alterar a physionomia caracteristica dos antigos aborigenes, innoculando novo sangue as gerações que lhes vão succedendo. O mesmo acontece com os da Villa-Verde.

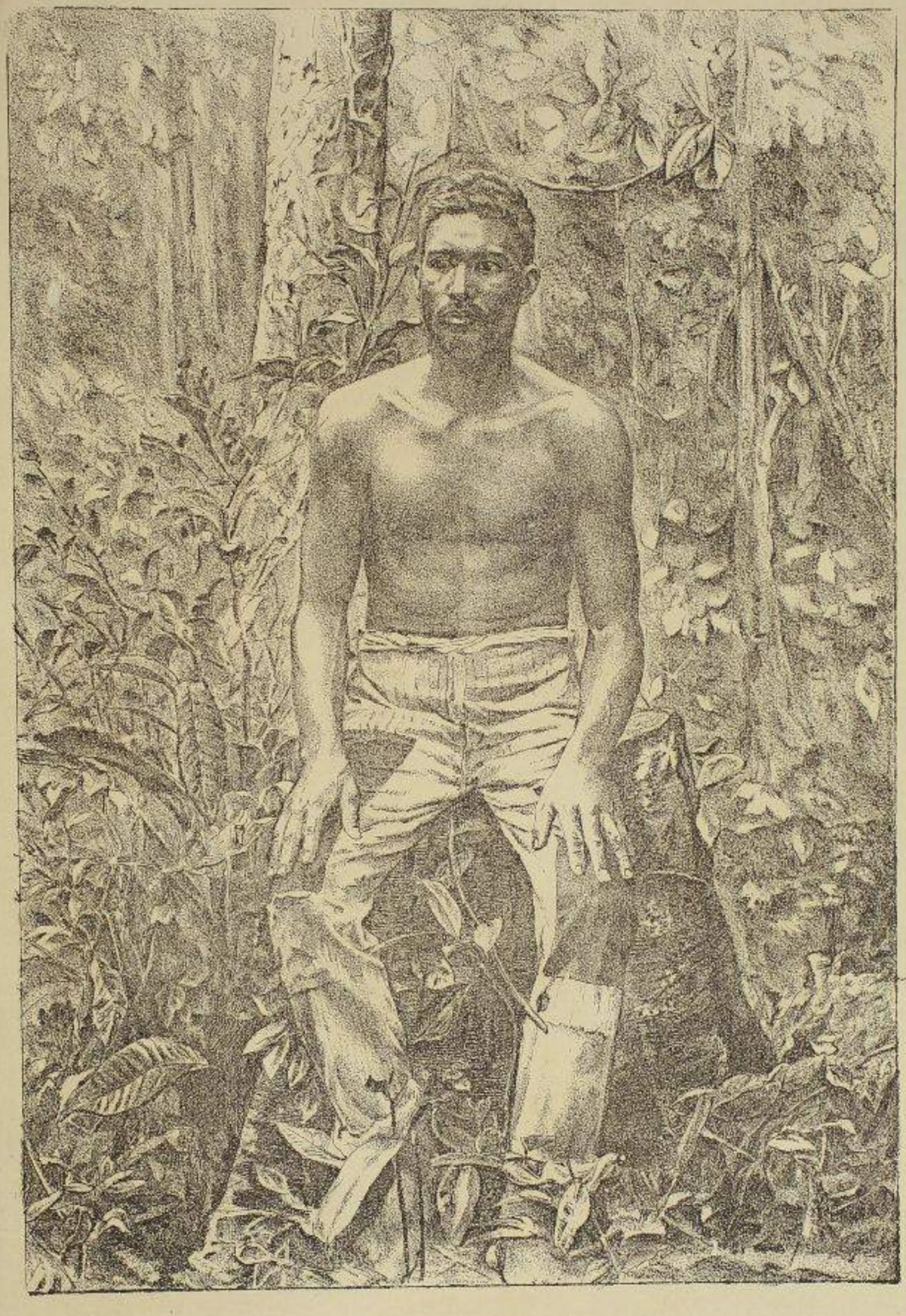
Aqui em Santa-Cruz existem descendentes dos Paquejús, tribu oriunda dos Tupiniquins.

Francisca, idade desconhecida. Netta de um indio com uma mulata.

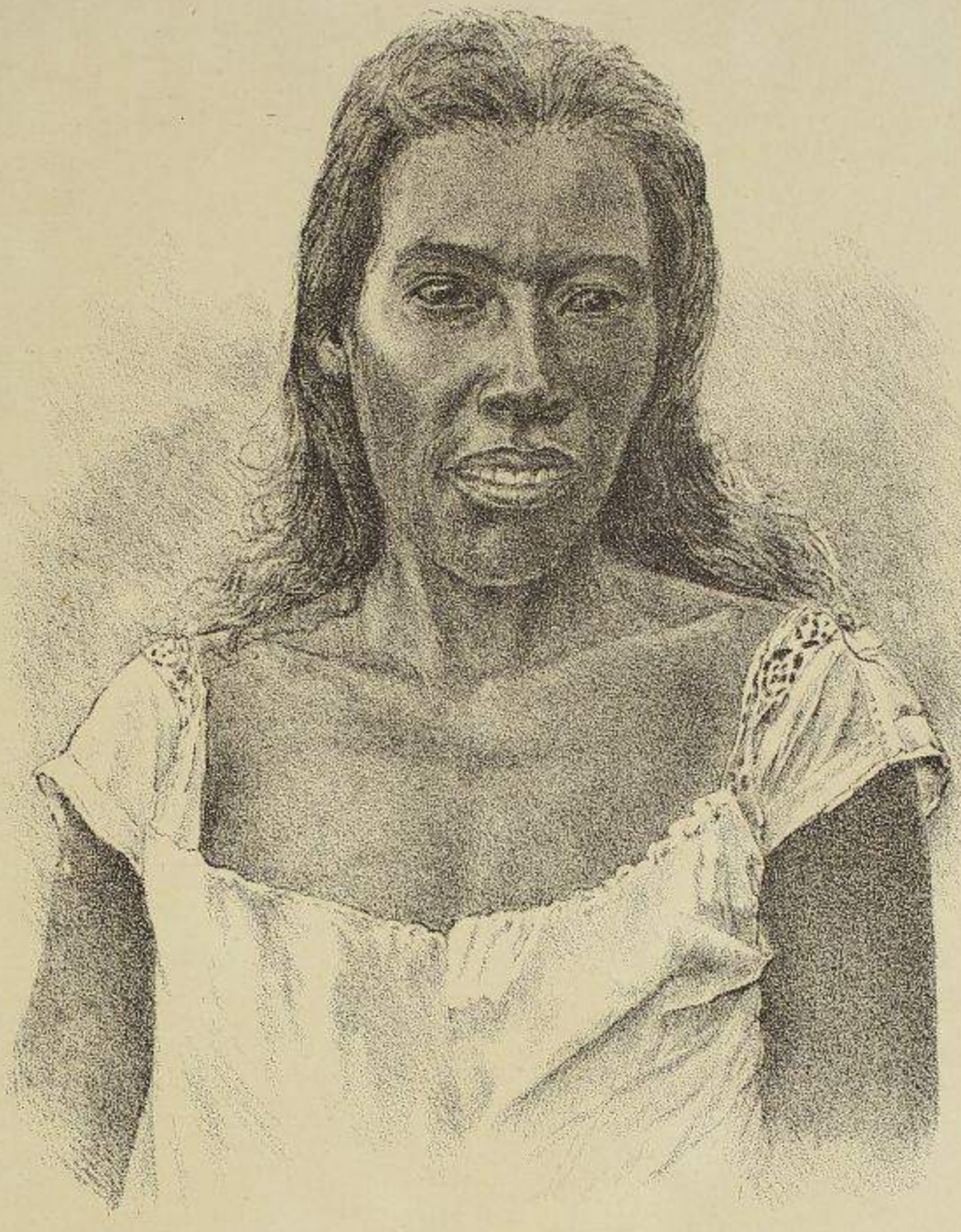




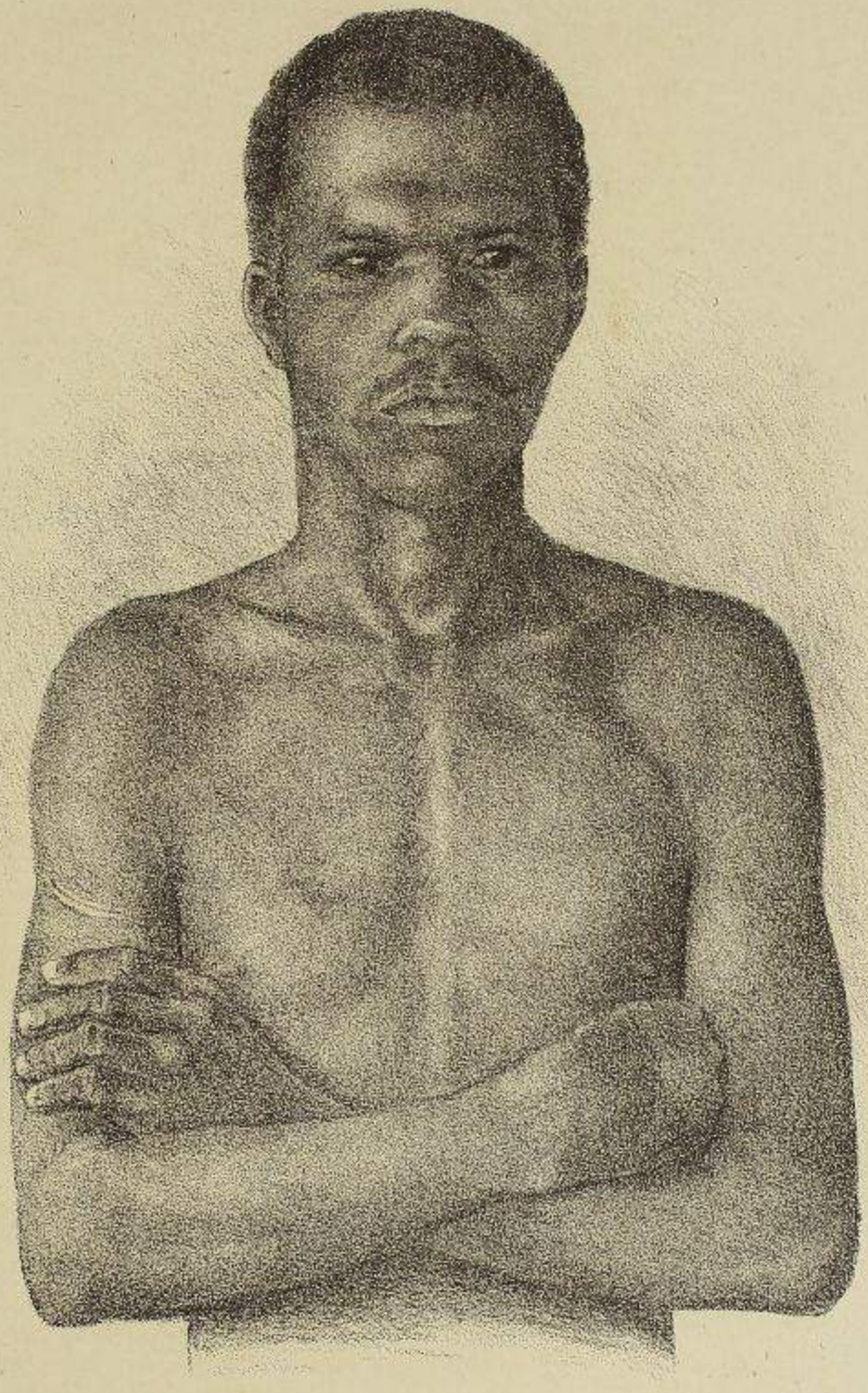
Julio, 14 annos. Filho de um branco com a filha de uma india com um mulato.



Leandro, 27 annos. Filho de uma mulher, que por sua vez era filha de uma india com um preto, com um mestiço.



Leonidia, 32 annos. Netta de uma india com um creolo e filha deste producto com um mulato.



Caramuty, 26 annos. Filho de uma india com um mulato.

Das narrações feitas quer por estes typos, quer pelos filhos da região que estudamos; nada se pode affirmar, pois adulteram os factos com o fim de chamar attenção para os lances que julgam mais merecedores de admiração.

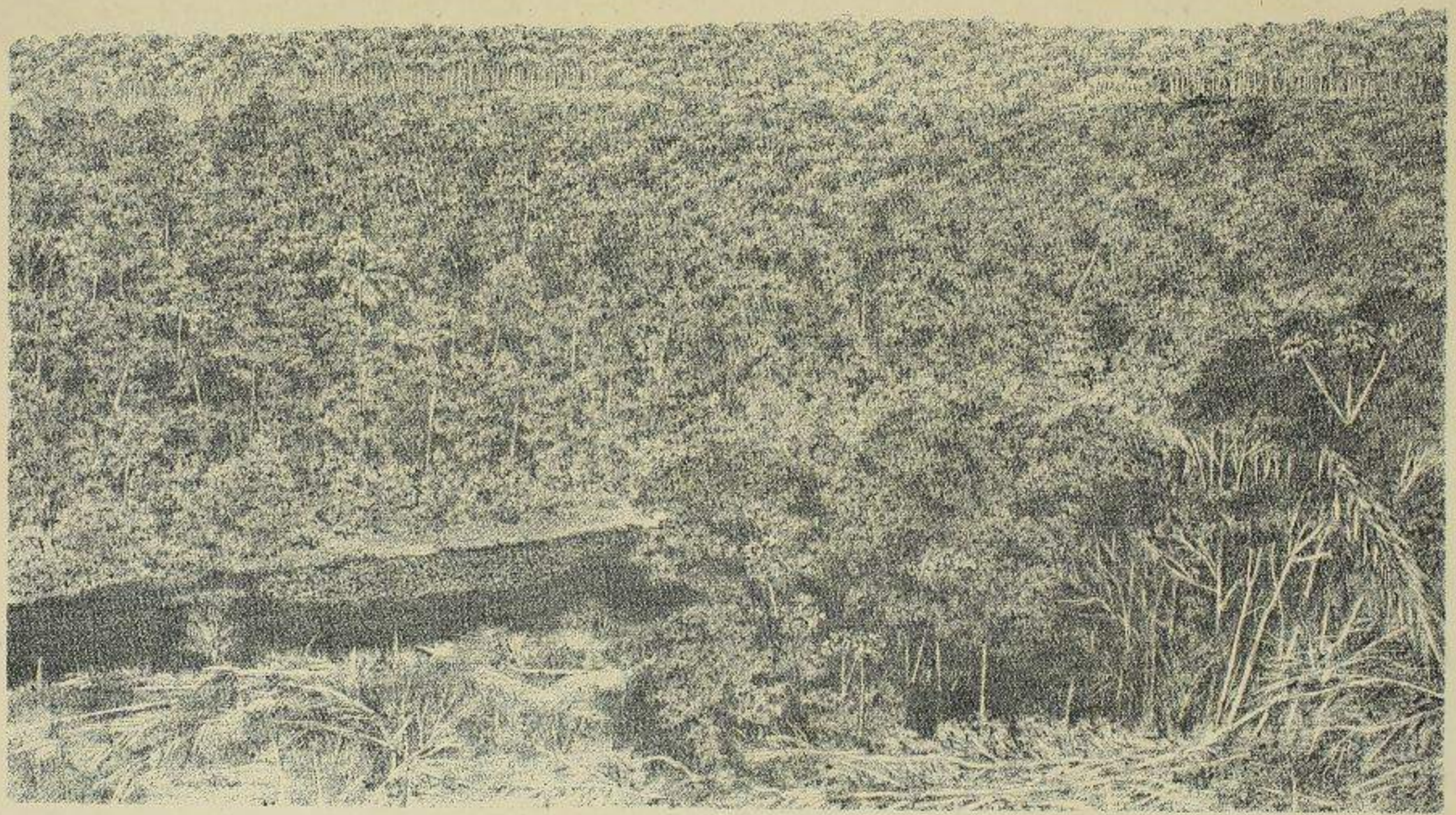
Conservam, entretanto, sem alterar as lendas que ouviram de seus maiores. Estas nada referem dos primeiros tempos do descobrimento, nem dos seus primeiros habitadores; mas sim, aos diversos ataques dados pelos Aymorés, as vinganças que exerceram e as tentativas da pirataria franceza.

XIII

Flora e Fauna

Carecendo de competencia para estudo tão serio, quanto importante e demorado, limitei-me ao estudo das madeiras de construcção, especialmente das que constituem o commercio de exportação, assim como das empregadas na marceneria.

Para não deixar de dar uma idéa geral sobre a matta, que a muito pouco está da villa, penetrei por ella, até grande distancia, afim de melhor sentir sua magestade e avaliar sua riqueza.



A matta vista de fóra

Um dos muitos arrastadores para tiragem de madeira

As madeiras de construcção acima referidas, constam do mappa appenso onde, em uma columna se lê o nome vulgar pelo qual é a madeira conhecida na localidade; na segunda, o nome da classificação botanica; na terceira, a familia; na quarta o pezo especifico; na quinta, finalmente, a resistencia ao esmagamento por centimetro quadrado.

A fauna d'esta região é egual a de todo o Brazil, sendo aqui mais rica por, ainda, achar-se todo o seu sólo inculto, e coberto de matto.

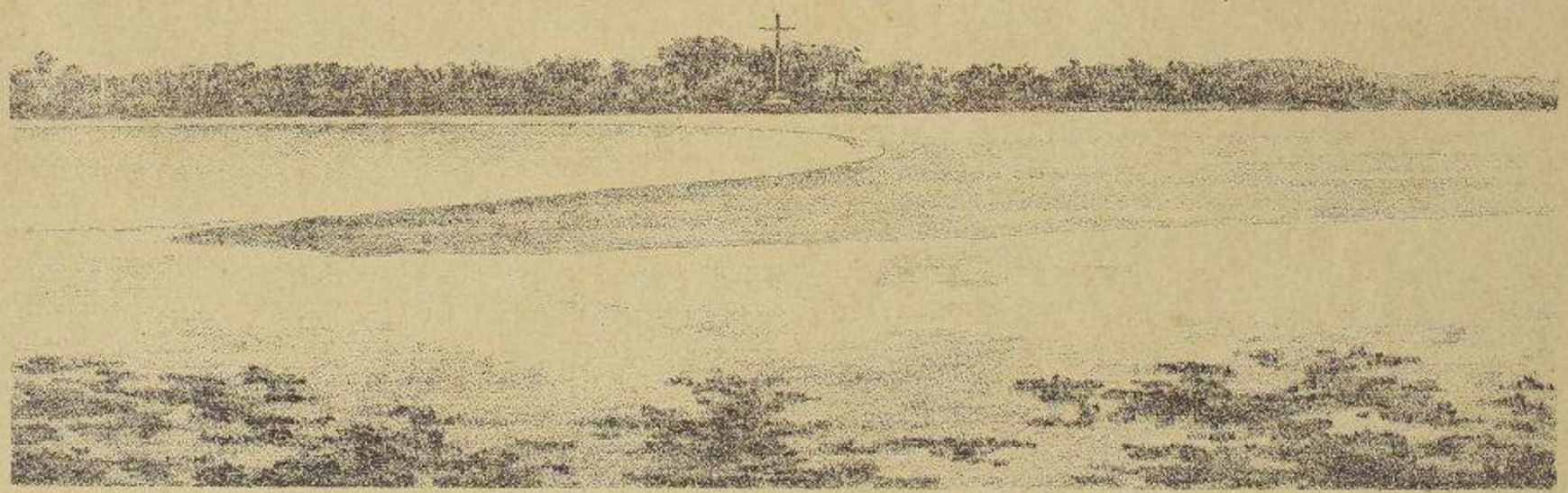
XIV

Onde deve ser levantada a nova cruz

SURGEM diversas opiniões com relação ao logar onde deve ser erigida a nova cruz, immediatamente ao encarar o assumpto.

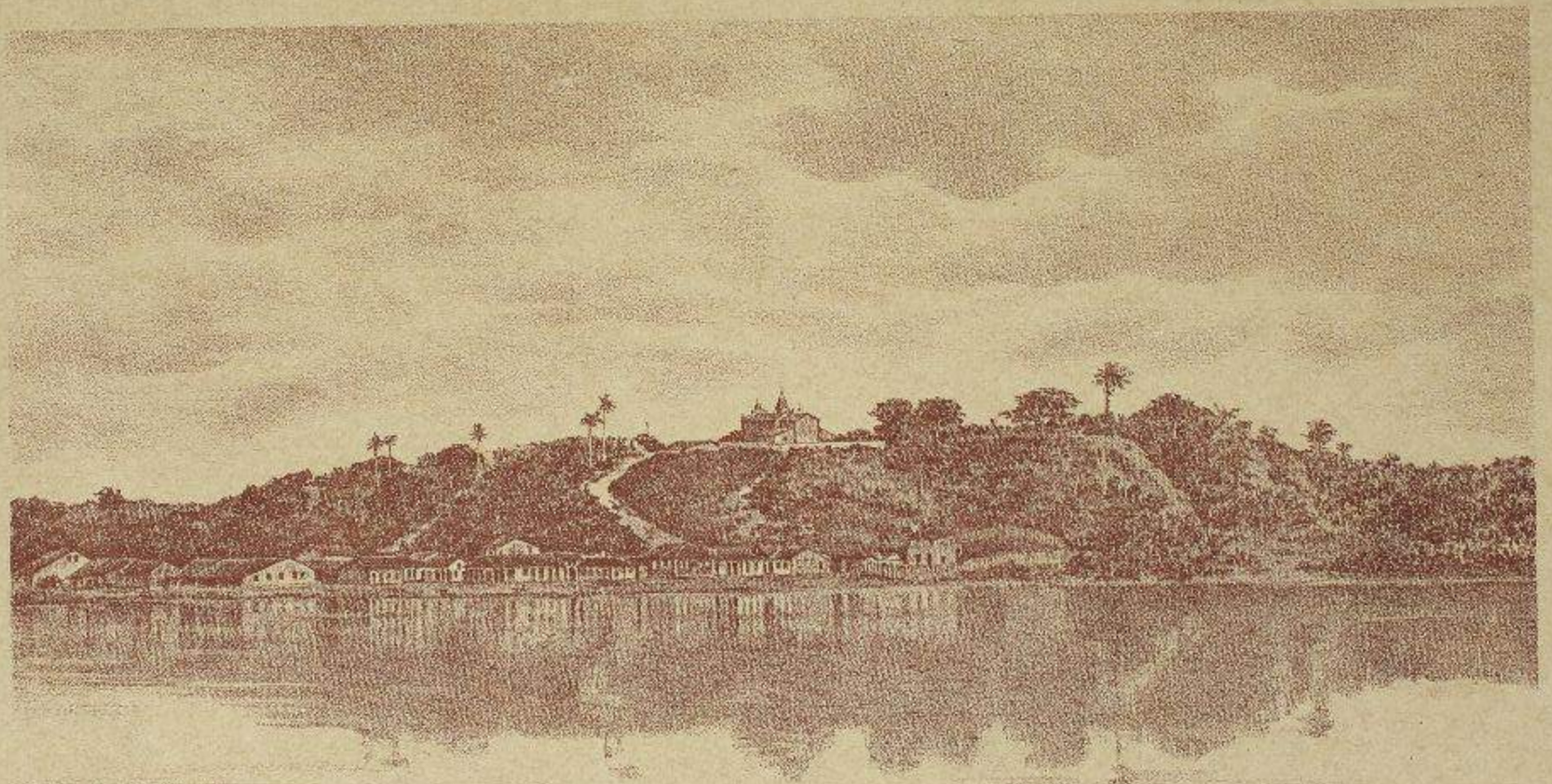
Podemos, entretanto, resumir as diversas opiniões nas seguintes perguntas:

1.ª Deve se levantar na terra firme fronteira a Corôa Vermelha e no lugar onde, em 3 de Março de 1898 collocaram os Capuchinhos a que lá existe?



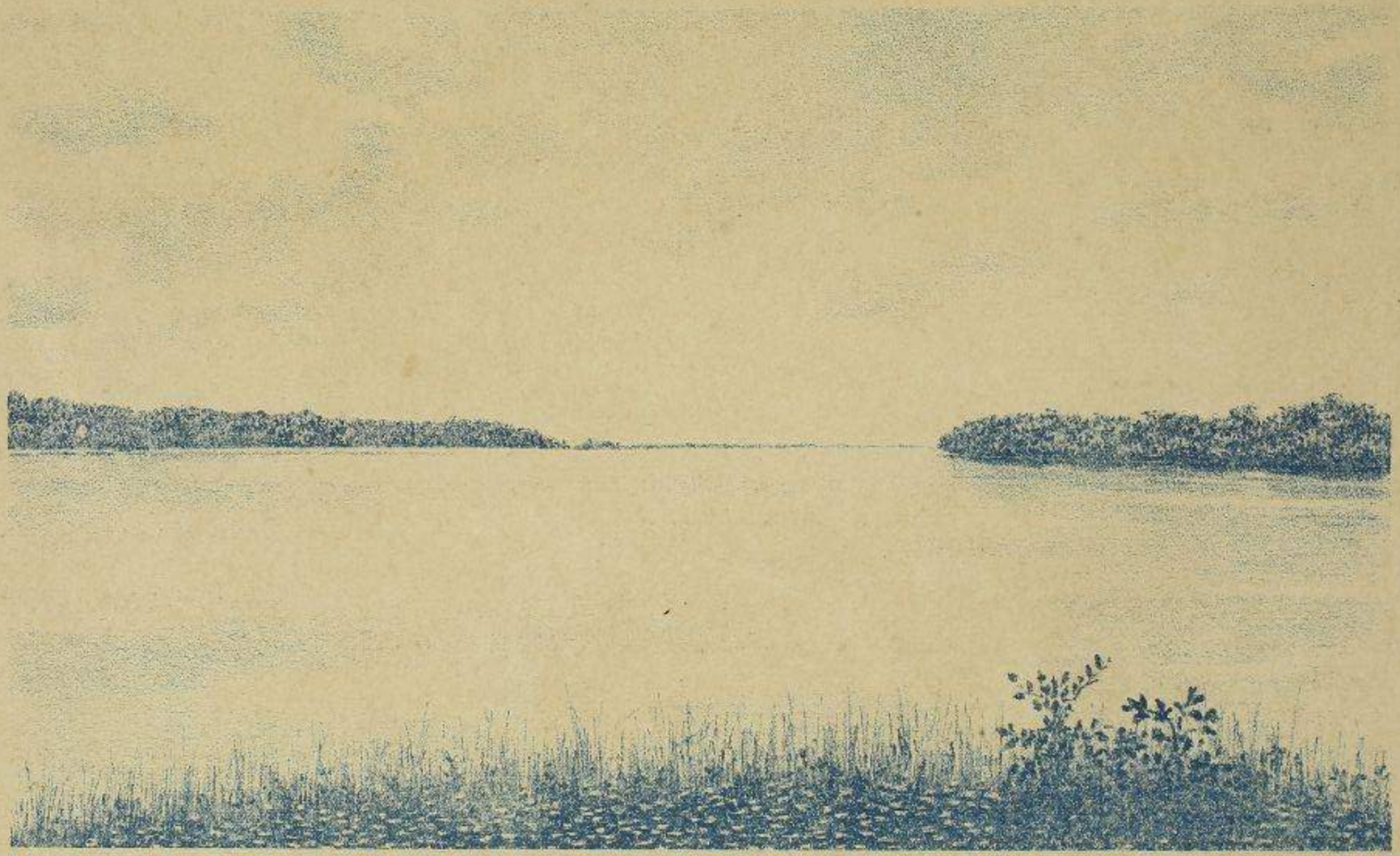
Local da cruz dos Capuchinhos (Visto da Corôa Vermelha)

2.ª Deve-se collocal-a no ponto mais elevado da collina que margea a costa, afim de ser bem vista do mar?



A villa de Santa Cruz

3.ª Deve-se erigil-a na foz do rio João de Tiba?



Lugar escolhido para a nova cruz

Analysemos as condições de cada uma das posições indicadas.

Aquelles que dizem sim, a primeira interrogativa, procuram justificar sua opinião, dizendo: «que sendo alli a ponta sul da bahia mais avançada para o mar e proximo á Corôa Vermelha, onde celebrou-se a primeira missa em 26 de Abril (6 de Maio) deve ser o ponto preferido».

Não foi alli que Cabral plantou a primeira cruz e tomou posse da terra descoberta em nome de El-Rei D. Manuel, nem, tão pouco, o lugar onde celebrou-se qualquer das duas missas.

Os que são de opinião que o lugar indicado pela segunda pergunta é o melhor, procuram o unico argumento que lhes parece mais convincente — «o ser melhor vista do mar».

A' estes lembramos; que o caminho seguido pelos navios e vapores que navegam, sem escala, pelos nossos portos do sul, é tão longe (6 legoas) que perdem a terra de vista ou a veem *alagada;* para estes, tanto faz que esteja collocada no alto da collina como na costa, por elles não será vista. Para as embarcações que não passarem amaradas, mas, evitando, somente as pontas dos recifes Araripes e Itaculumis, será a cruz sempre bem vista, quer esteja na costa ou na collina. Ainda mais, não milita em favor desta posição o facto historico da collocação da cruz pela esquadra descobridora.

Não ha justificativa para as opiniões que se prendem a terceira interrogativa, não resiste nem a simples inspecção do mappa da bahia.

Finalmente, pensam muitos que deve ser a nova cruz levantada no local indicado pela quarta pergunta.

Esta opinião tem a seu favor todas as justificativas, vindo, ainda, em seu apoio a origem historica da collocação da primeira cruz.

Da leitura da carta de Caminha e do estudo do terreno, pode-se, mais ou menos, precizar o lugar onde, em primeiro de Maio de 1500 (11 de Maio), foi por Pedro Alvares

Cabral plantada a primeira tendo nella as armas e divisa do Rei de Portugal, celebrando-se ahi a segunda missa e pregação.

Ahi ficará bem vista pelos navios que não passaram amarados; ahi foi que teve lugar a posse da terra descoberta; ahi foi que Cabral deixou o signal material de sua estada. Pela carta de Caminha a cruz foi levantada a margem esquerda do ribeirão Mutary. Diz elle: « Hoje que é sexta-feira primeiro dia de Maio, sahimos pela manhã em terra com a nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul onde nos pareceu que seria melhor chantar a cruz, para ser melhor vista e alli assignou o Capitão onde fizemos a cova para a chantar e enquanto a ficaram fazendo elle e todos nós outros fomos pela cruz abaixo do rio onde estava, etc. Passamos o rio ao longo da praia e formal-a por onde devia de ser, que será do rio obra de dois tiros de bésta ».

Convencido de que não foi senão alli que teve lugar tão celebre quanto imponente cerimonia; já pela leitura da carta de Caminha e estudo escrupuloso da costa; como tambem porque só existindo o ribeirão Mutary, a cerimonia referida não podia ter sido effectuada em outro ponto; fiz o levantamento do ribeirão, até o lugar onde, estou convencido, foi plantada a primeira e ahi colloquei um marco de massaranduba, lavrado em quina viva, tendo um metro fóra da terra e em cada uma face as iniciaes do « Instituto Historico e Geographico da Bahia » (I H G B) tendo proximo ao marco fincado um mastro com a bandeira Nacional.

D'este ponto da costa que fica bem visivel, desde que se dobra a ponta de Santo Antonio ao norte; descortina-se o do mar em todo o trajecto em frente a bahia, mesmo que os navios passem a seis milhas de distancia.

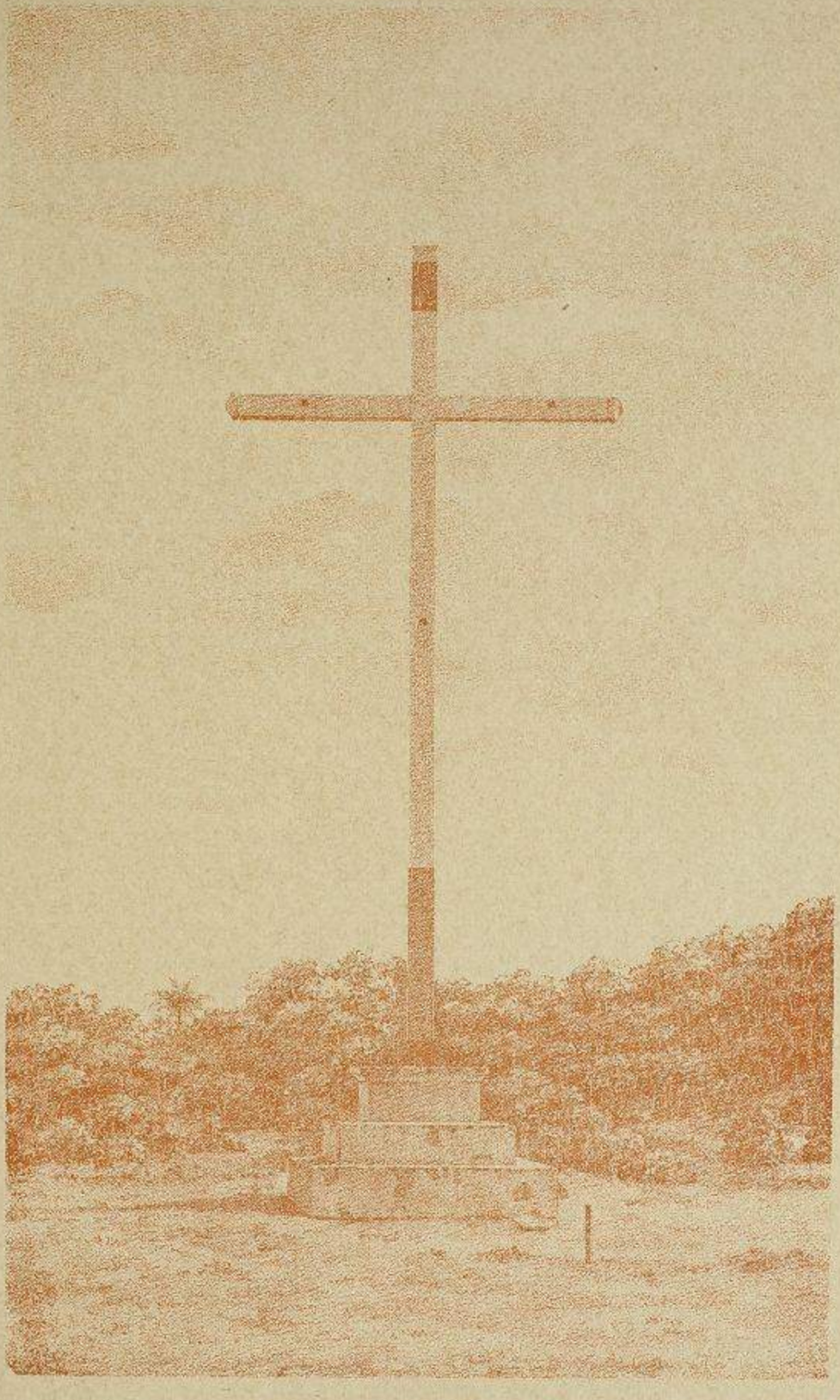
XV

Dimensões da nova cruz

Tomemos para comparar a cruz que os capuchinhos collocaram, na ponta sul da bahia, em 3 de Março de 1898.

Este cruzeiro tem 64 palmos de altura; é de massaranduba lavrada em quina viva, tendo em cada face oito pollegadas e está sustentado por um pedestal de alvenaria de tijolo com tres degráos.

O referido pedestal tem 1^{m}80 de altura e sua base, que é um quadrado, tem de lado 1^{m}20, tendo cada degráo 0^{m}40 de largura.



A cruz dos Capuchinhos

Addicionando á altura da cruz de madeira 1^{m}80 do pedestal, teremos para altura total 15^{m}88.

Dos navios que fronteiram a ponta de Santo Antonio, avista-se a extremidade sul da Bahia, a Corôa Vermelha; mas não se distingue a cruz, senão a binoculo e com grande custo, devido a suas dimensões.

A gravura mostra a cruz que projectei, como me foi determinado; deverá ter um a fundação de 14^{m}00×6^{m}00×3^{m}00. Sobre ella se levantará um pedestal de cinco metros de altura para receber a cruz com vinte metros, tendo as faces que devem olhar para éste e oéste um metro de largura e as duas outras 0^{m}60.

A gravura representa a cruz projectada reduzida pela photographia.

A nova cruz

Assim feita e collocada no ponto já indicado, desde que se enfrente a ponta de Santo Antonio ao norte ou que se descubra ao sul a Corôa Vermelha, não se deixará de avistal-a, assim como, por todos os navios que passarem com terra á vista.

XVI

Terrenos e culturas

Rico e variado é o terreno desta região.

Nas margens dos ribeiros e do rio, em zona bastante larga, estão os terrenos adequados á plantação do cacáo; mais adiante, os valles de massapê; mais longe a fertil *terra rôxa*, para o plantio do café; nos altos o terreno selico-argiloso e os areias ricas de humus para o cultivo dos cereaes. Em opposição a tanta riqueza natural, está a falta de povoadores e a indolencia dos moradores.

Poucos, muito poucos, se dedicam á cultura de tão fertil solo.

O exemplo não lhes serve de estimulo.

De um lado o Jequitinhonha, quasi todo cultivado pela lucrativa lavoura do cacáo; do outro o Buranhen, tambem em grande parte, lavrado pelos cultivadores de cacáo, café e cereaes e no centro esta riquissima região inculta e devoluta.

A maior parte dos habitantes se entregam aos lucros immediatos, embora pouco remuneradores, do córte de madeiras e tiragem de piassava.

Existem á margem do João de Tiba algumas pequenas plantações de cereaes e café e ainda menores de cacáo.

Os cereaes produzidos pela lavoura territorial não chegam para o consumo da pequena população do Municipio, sendo

necessario recorrer a Porto-Seguro, afim de importar até farinha.

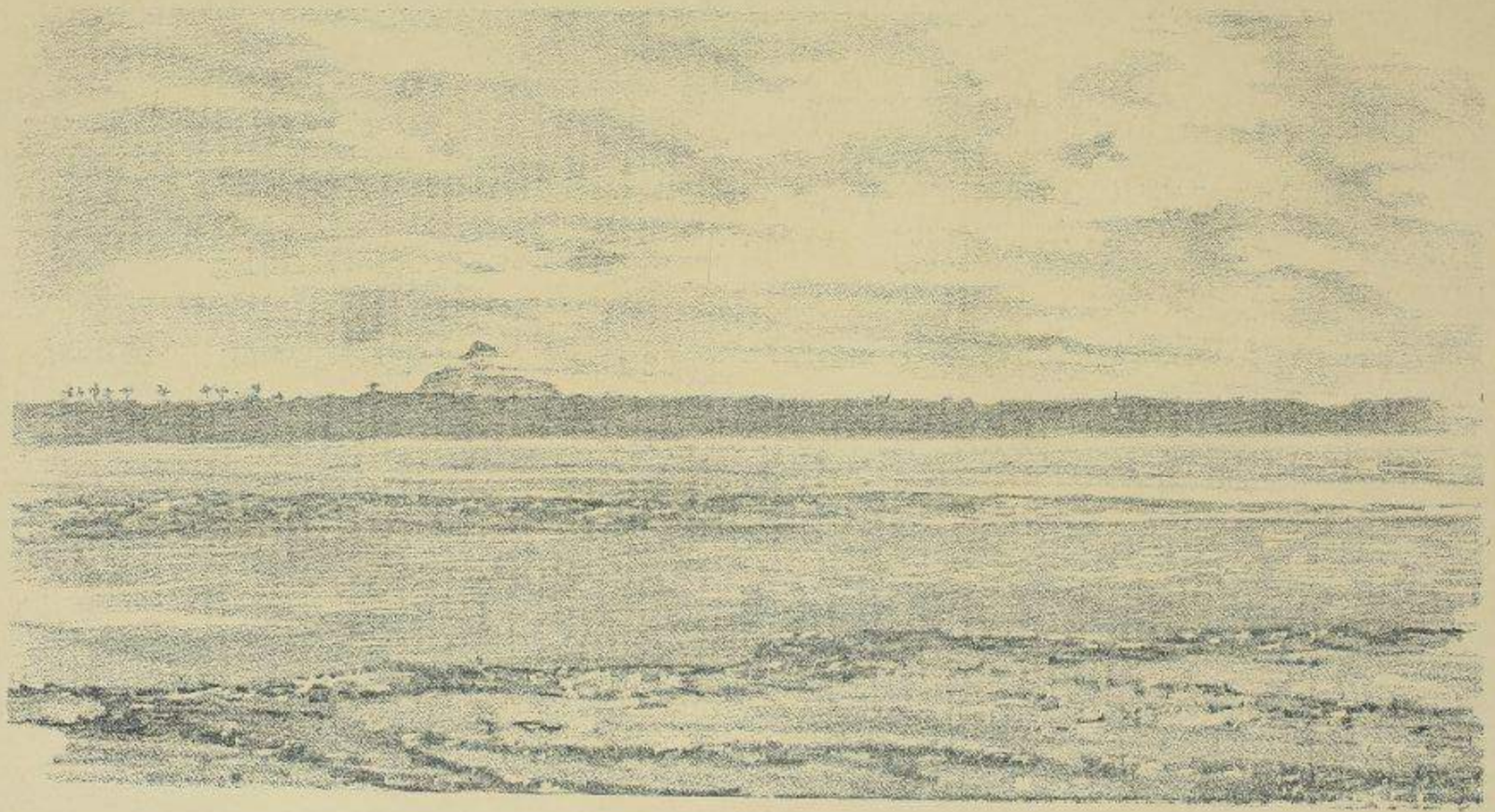
Comquanto existam leguas de pastagens naturaes, a creação do gado vaccum é tão insignificante que não fornece nem animaes para o açougue, nem para o trabalho.

Quer o gado para o consumo, quer para o serviço, é importado de Minas.

XVII

O Monte Paschoal

Na impossibilidade de ir de perto estudar este monte primeira porção de terra avistada pela esquadra de Cabral em 22 de Abril de 1500 (3 de Maio); assim como photographal-o do mar, devido á quadra em que elle se acha, coberto sempre de neblina, procurei em uma manhã clara apanhal-o, embora a grande distancia, da torre da egreja de Porto-Seguro. A distancia não dá lugar



O Monte Paschoal

a que se possa fazer precisa e nitida idéa; entretanto, aqui juntamos a descripção feita pelo almirante Mouchez, afim de que se possa mais claramente formar juizo a seu respeito: «Latitude 16°—53'—20", longitude 41°—44'—47" (meridiano de Paris), altura 536 metros, visivel a 16 leguas. Visto de éste e de nordeste, esta montanha apparece como um cabeço isolado de forma arredondada, ligeiramente conica, dominando as terras circumvisinhas; mas de sueste vê-se-o acompanhado de muitos cabeços menos elevados e de um pico muito notavel tendo a forma cylindrica de uma grossa torre sobre o cume de uma montanha.

Este pico é o *João Leão*, que está a 12 milhas a rumo de SW q. W do monte Paschoal e parece um pouco mais elevado que elle. São estes os unicos cumes, vistos do largo, que se encontram entre os morros de Commandatuba (15° 1/2 de latitude) e as altas terras do Espirito-Santo (20° de latitude).

Este monte está muito felizmente situado para prevenir ao navegador de approximar-se dos Abrolhos».

XVIII

Correntes oceanicas

A corrente que mais influencia exerce é a grande corrente equatorial.

Esta grande correnteza maritima tem sua origem no golpho de Guiné, na altura do cabo de Palmas 4°—22' de latitude norte, apresentando uma largura de 300 milhas.

Caminhando para oeste chega a corrente equatorial até pequena distancia da costa do Brazil na altura do cabo de S. Roque 5° -20' de latitude sul, onde se divide, seguindo a porção mais importante para oeste e noroeste e a menor para o sul afastando-se do Brazil 250 a 300 milhas com uma largura de 6 á 7 gráos.

XIX

O que se pode esperar d'esta zona para o futuro

Tudo se terá á esperar do futuro d'esta região, aproveitados os recursos naturaes de seu uberrimo sólo.

Além das madeiras de construcção, das empregadas na marceneria e tinturaria, o terreno variadissimo d'este territorio se presta á cultura do café, cacáo, canna e de todos os cereaes.

Esta região fadada pela natureza para um grande futuro, espera, unicamente, que os poderes competentes sobre ella lance suas vistas, dando-lhe os elementos precizos para seu desenvolvimento.

O principal factor de seu desenvolvimento, como *porto de mar de primeira ordem* (Garring), do progresso do seu commercio, da vitalidade de sua lavoura, do aproveitamento de suas riquezas; é a construcção de uma linha ferrea que ligue a bahia Cabralia ao Salto.

Delineando o plano geral de viação do Brazil o notavel Engenheiro André Rebouças disse: «que da bahia Cabralia com os seus dous ancoradouros (Corôa Vermelha e Santa Cruz) abrigados por quebra-mares naturaes, formados pelos recifes caracteristicos da costa septentrional do Brazil e com 5 metros de calado, poderão partir tres caminhos de ferro em demanda do São Francisco».

N'este porto entram náos da India e ficam seguras de todo o tempo.

«O exame mais superficial bastará para demonstrar que as communicações do norte de Minas com o Rio de Janeiro em vez de serem feitas por pessimos caminhos, atravez de tantas cordilheiras com muito mais vantagem se effectuaria caminhando directamente para o littoral que fica no mesmo parallelo e embarcando d'ahi para a Bahia ou Rio» diz Theophilo Ottoni.

Chamamos, ainda, em nosso auxilio, o luminoso parecer dado á Camara Federal por Junqueira Ayres, Alberto Torres, etc., em o qual dizem: «Se houvesse desejo sincero de encontrar um porto para libertar o centro de Minas da oppressão que o desalenta, o de Santa-Cruz, a que se ligam as primeiras recordações do paiz, se apresentaria, naturalmente, como o mais propicio. Enseada profunda, barra accessivel á navios de todos os calados, etc.».

Além das opiniões citadas, argumentos de grande valor militam em favor do factor que apontamos como primordial do desenvolvimento, riqueza e importancia da zona em questão.

O valle do Jequitinhonha, hoje todo cultivado, lucta com grandes difficuldades para dar sahida aos seus productos e receber aquelles de que carece.

O rio não tem barra capaz para a entrada de navios de calado maior que o dos barcos de cabotagem, além de que o transporte das mercadorias para o alto Jequitinhonha e bem assim a exportação dos productos de sua lavoura; é feito por canôas, que luctam com as cachoeiras e corredeiras; perdendo-se muitas d'ellas n'essas temerosas passagens.

A estrada que de Santa-Cruz se dirigisse ao Salto além de trazer os abundantes productos do valle do Jequitinhonha, seria o vehiculo dos ricos municipios mineiros, além, ainda, dos que produzisse as fertilissimas quarenta e tres leguas de seu percurso dentro da zona de que nos occupamos.

O reconhecimento de semelhante traçado, já se acha feito e approvados os estudos dos quinze primeiros kilometros, á partir da margem esquerda do rio João de Tiba, em ponto fronteiro a villa de Santa-Cruz.

A concessão d'este caminho foi feita ao Dr. Magalhães, residente na Capital Federal.

O outro factor do desenvolvimento e riqueza da zona em questão é a colonisação debaixo das vistas fiscalisadoras do Governo do Estado.

Tudo se poderá esperar da colonisação fazendo-se a localisação com regularidade, methodo e principalmente com seriedade e interesse pelo progresso material da Bahia.

XX

Porto-Seguro

Como sabemos a 9 de Março de 1500 parte de Belém, depois da ceremonia celebrada no mosteiro, a que assistio todo a Côrte de El-Rei D. Manoel, *o afortunado;* debaixo de ceremoneal desusado Pedro Alvares Cabral, Capitão-mór da fróta que se destina a Callecut. Ao seu mando vão dez caravellas e tres navios redondos, mil e duzentos homens, marinheiros e soldados, oito capellães, sete frades franciscanos chefiados pelo guardião frei Henrique, um vigario para a feitoria de Callecut, o feitor Ayres Correia e os escrivães Gonsalo Gil Barboza e Pero Vaz de Caminha.

D'estas caravellas e navios redondos apenas, João de Barras, testemunha presencial da partida, cita os nomes da *Annunciada, S. Pedro* e *El-Rei.*

A 14 acha-se a esquadra entre as Canarias a 3 ou 4 leguas da Gran Canaria.

A 22 tem ella a vista as ilhas do Cabo Verde ou antes uma destas ilhas S. Nicoláo.

Navega em pleno e limpo mar desde esse dia até que a 21 de Abril tem os primeiros e vagos signaes de terra.

A 22 vem as aves trazer a certeza da proximidade de terra e ás 3 horas da tarde avistaram o *Monte Paschoal* e depois terra plana e coberta de soberba vegetação. Está

a frota a seis leguas de terra e ahi ancora em 19 braças de fundo.

A 23 caminha direito a terra até meia legua de distancia d'ella e ancoram em frente ao *Carahyvamemuam* em 9 braças lançam as ancoras.

A noite o vento de sueste fez garrar as náos, principalmente a capitanea.

A 24 levantam ferro e navegam para o norte vindo as náos pequenas aproximadas de terra e as grandes amaradas em procura de *abrigada* e *bom porto.*

Navega 10 leguas e *um pouco antes do sol posto acharam os navios pequenos um recife com um porto dentro muito bom e muito seguro, com mui larga entrada e metteram-se dentro.* Ahi fundearam elles e as náos grandes a *uma legua do recife com 11 braças.*

Affonso Lopes sonda o porto n'essa mesma tarde, e na manhã seguinte demandam, as náos grandes a entrada *ancoram em 5 e 6 braças a qual ancoragem dentro é tão grande e tão formoza e tão segura que podia jazer dentro n'ella mais de 300 navios e náos.*

Eis, portanto, a esquadra de Cabral ancorada.

Nenhuma duvida foi suscitada, desde 1500, sobre ser a enseada da Corôa Vermelha o logar da ancoragem. Em 1877 ou 377 annos depois surgio a descoberta feita pelo Visconde de Porto-Seguro tentando provar que foi a margem do Buranhem que teve logar tão celebre acontecimento. Immediatamente o General Henrique de Beaure-paire Rohan, inincia a contestação em nome da historia e da verdade.

Tentou o Visconde provar que a carta de Caminha se referia ao actual Porto-Seguro, e como lhe faltasse o ilhéo, (Corôa Vermelha), onde celebrou-se a primeira missa mostrou o recife que a maré cobre na prea-mar.

Na falta de uma bahia mostrou o *lagamar* formado, entre a costa e o recife, pelo rio Buranhen. Desprezando

umas e acceitando outras das observações de Caminha tentou provar o absurdo diante do que existe de mais positivo. Desprezou o que disse, em 1576, Pero Magalhães de Gandavo na *Historia da Provincia de Vera Cruz*. Não ligou importancia ao que escreveu em 1587 Gabriel Soares de Souza no *Roteiro do Brazil*. Deixou á margem a *Corographia Brazilica* de Ayres do Cazal e bem assim ao que em 1709, escreveu Manoel Pimentel, Cosmographo Mór do Reino, em sua *Arte de Navegar* e finalmente desprezou os trabalhos executados em 1861 pelo Almirante Mouchez para unicamente ver em Porto-Seguro as condições que a força queria achar para ter ahi logar tão historico acontecimento.

Tudo isso fez o Visconde de Porto-Seguro em 1877 quando já havia em 1840 publicado um trabalho com o titulo: *O Descobrimento do Brazil; chronica do fim do seculo XV*, em o qual se lê no capitulo ultimo:

«E o Brazil se descobrio. Onde são, porém os padrões de tão glorioso e transcendente acontecimento, que influiu na sorte de tantos homens? A bahia Cabralia vae para quatro seculos que espera por este nome, e com mais razão espera um monumento que a enobreça, e a terra circumvisinha altamente o reclama.

O ilhéo ainda não teve a fortuna de servir de base a uma torre luminosa, que emquanto utilise aos navegantes qual outro pharol de Alexandria, accuse ao viajante, em testemunho de gratidão, que alli foi plantada a primeira arvore do Christianismo, e se celebrou primeiro a religião de nosso paiz.

Pois já que faltam monumentos physicos, procuremos nós, ajudados pelos Souza de Vasconcellos, e com auxilio dos modernos, apregoar estes e outros factos do territorio em que os destinos da Providencia nos reservaram o berço».

Os navios que demandam o ancoradouro de Porto-Seguro, entram pela foz do rio Buranhem e fundeam em frente a cidade.

A respeito do rio Buranhem, diz Mouchez: «Il coule de la chaîne des Aymorés et n'est navigable qu'a quelques lieues de son embouchure.

Quand il arrive á la côte il trouve tout le rivage devant la vallée barré par une chaine de rochers qui devie son cours et l'oblige á remonter au nord, comme une digue ou un quai. Il debouche á l' E. S. E. de la Matriz, par um canal de 200 mètres de largeur á mer haute; á une mille, ao dessus, devant la ville, ou trouve encore á mer haute 3^m50 á 4^m00 d'eau; á mer base il ne reste á l'embouchure que 1^m70 á 1^m80».

Eis, em resumo a descripção mais completa e mais fiel da *bahia* de Porto-Seguro.

Como vimos não é o ancoradouro descripto por Caminha.

Não me demorarei sobre o assumpto mesmo porque magistralmente já foi debatido por Beaure-paire Rohan.

As photographias mostram a *bahia* de Porto-Seguro vista do alto da Matriz.

Como já tivemos occasião de dizer; esta cidade que começou pela feitoria fundada por Chrystovam Jacques, foi depois a séde da capitania de Porto-Seguro doada por D. João III a Pero do Campo Tourinho; fundador tambem de Vera-Cruz ao norte e Santo Amaro ao sul. A cidade divide-se em parte Alta e parte Baixa. Esta teve como fundador Chrystovam Jacques e aquella Tourinho. A parte baixa ou o margem do Buranhem tem bairros muito pittorescos, salientando-se entre elles o de *Pacatá*.

Esta parte da cidade não é muito saudavel devido a visinhança do rio e a de alguns pantanos que ainda existem.

N'ella está collocado o commercio, assim como os estaleiros para construcção de barcos para pesca e para o serviço de cabotagem.

A parte alta é muito saudavel e aprasivel. Ahi estão a casa da Camara Municipal, obra antiga e bôa; tendo no pavi-

mento terreo a cadeia; a egreja, tambem antiga, mas bem cuidada, possuindo imagens lindissimas como a de Nossa Senhora da Pena e do Coração de Jesus; boas casas; e algumas ruinas que attestam o progresso dos remotos tempos. Entre as ruinas destacam-se as do convento dos Jesuitas, dentro da cidade e as do de S. Francisco no alto da collina visinha ao lado do norte.

Existem diversas escolas para meninos de ambos os sexos, bastante frequentadas.

Seu commercio passou por um periodo de decadencia, mas hoje está bem acentuada a tendencia á desenvolver-se devido as plantações de café e cacáo que já começam a produzir e estender-se pela margem do Buranhem.

Os cercaes são bem cultivados e exportados para os municipios visinhos e até para a capital. Na época propria, muitas embarcações são empregadas na pesca das garoupas, ramo tambem do commercio de exportação.

Dos seus estaleiros cahem no Buranhem muitos barcos alguns de rara elegancia e de solida construcção.

Damos aqui a descripção de uma garoupeira por ser Porto-Seguro que mais se dedica a pesca e tambem onde se constróe essas embarcações.

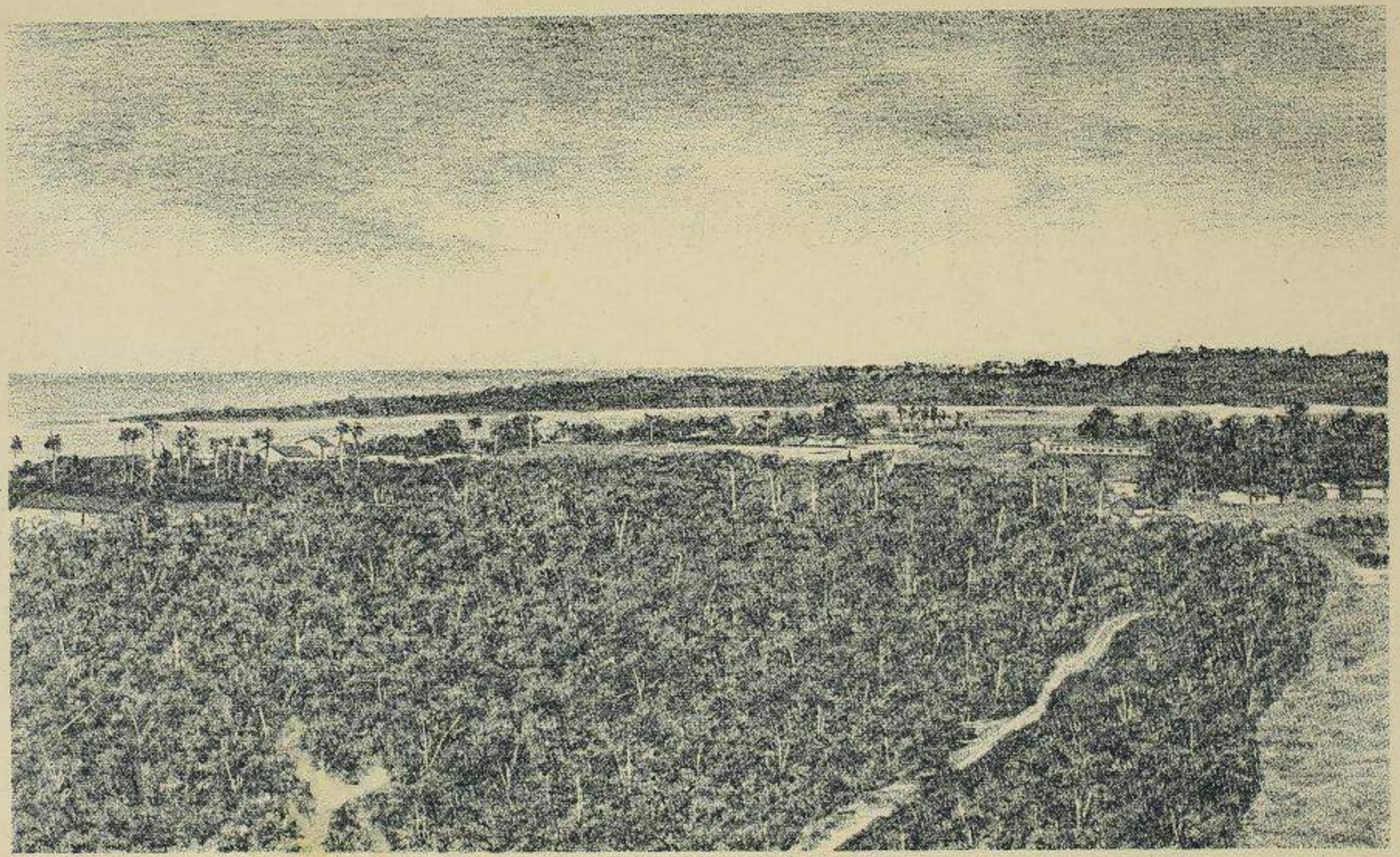
O Capitão de Mar e Guerra Camara assim as descreve: «A garoupeira é uma embarcação destinada a pesca da garoupa nos parceis dos Abrolhos, que é na Bahia feita em grande escalla, e corresponde na costa do Brazil á de bacalháo nos bancos da Terra Nova.

Em sua fórma assemelha-se nas obras vivas a uma lancha e nas obras mortas a um navio.

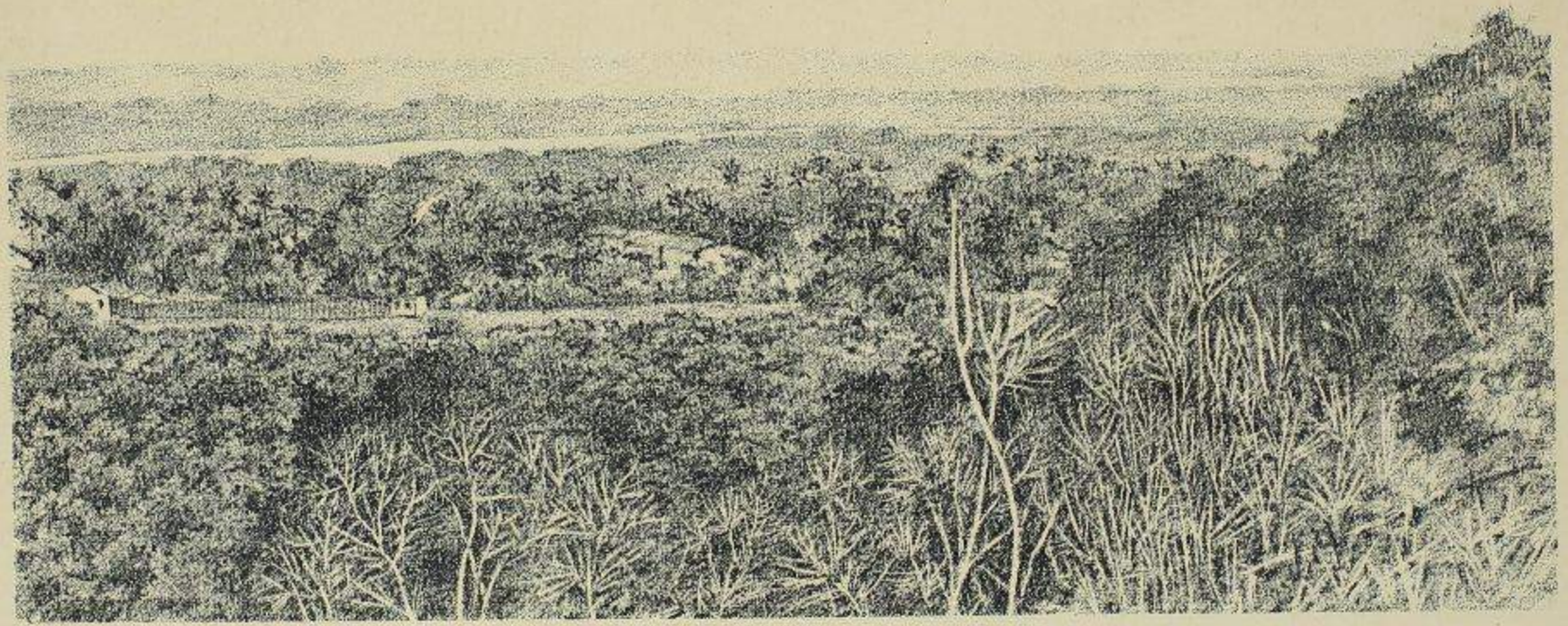
É embarcação de pôpa fechada e grossa na prôa. Todas tem convez e borda falsa, e, assim sendo, a sua construcção é mais forte do que as das lanchas. O cadaste é inclinado. Tem dous mastros, e garupés. No mastro de prôa armam um grande redondo e no da pôpa uma vela triangular chamada *burrique*, cuja retranca é fixa e atravessa

a borda falsa. Usam tambem de uma bujarrona á prôa. Quando pescam sobre os parceis não fundeam, o fazem com o burrique caçado para aproarem ao vento.

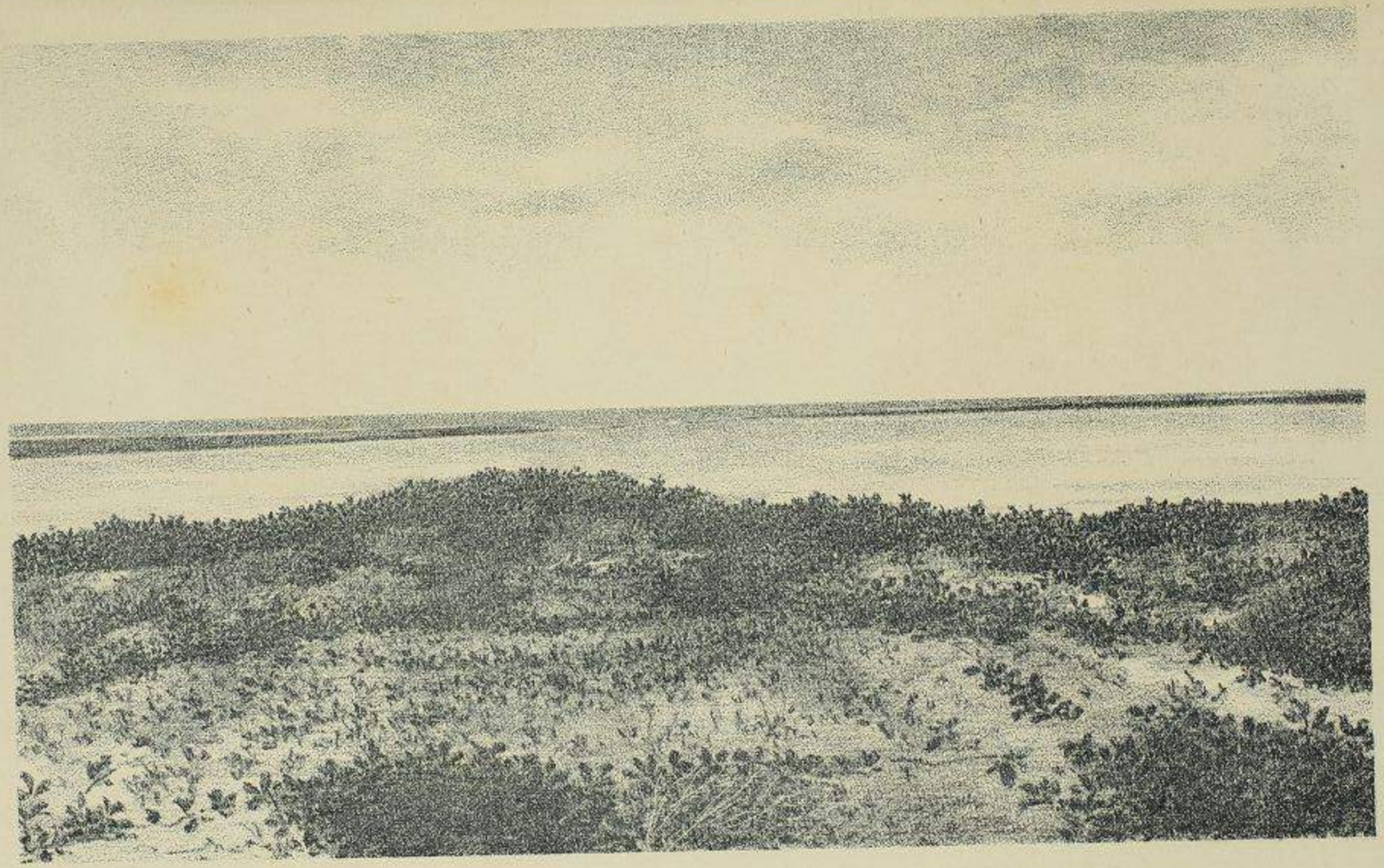
Estas embarcações quando usam latino quadrangular em logar de redondo, tomam a denominação de *Perné*. Todos empregam ancoras e amarras de ferro».



A cidade de Porto Seguro (PARTE BAIXA)



Cidade de Porto Seguro (PARTE BAIXA)



A barra do Buranhen

VENTOS GERAES

A orientação dos ventos mais constantes n'esta região, de accordo com as observações do Almirante Mouchez, informações dos navegadores e reparo proprio são os que se seguem:

Janeiro.	86	NE	89	S E
Fevereiro	87	NE	86	S E
Março	87	NE	81	S E
Abril	77	S E	81	S E
Maio*	68	S E	72	S E
Junho *	76	S E	71	S E
Julho	79	S E	65	S E
Agosto.	74	S E	72	S E
Setembro	75	S E	79	S E
Outubro	87	NE	87	NE
Novembro	81	NE	86	NE
Dezembro.	71	NE	68	NE

* Observado do dia 12 em diante.

* Idem dia 1 a 20.

862110

MADEIRAS DE CONSTRUCÇÃO QUE SERVEM PARA O COMMERCIO DE EXPORTAÇÃO

DENOMINAÇÃO VULGAR	CLASSIFICAÇÃO BOTANICA	FAMILIAS	Peso especifico	Resistencia ao esmagamento por 0,01² (centimetro quadrado)
				Kilogrammas
Canella parda	Nectrandra	Lauraceas	0.927	534
Canella sassafraz	Mesfilo daphne	Lauraceas	1.089	792
Peroba amarella	Aspidos perma peroba	Apocyneas	1.794	668
Tatagyba (amoreira)	Maclura sp.	Artocarpaceas	0.953	968
Angelim	Andira inermis.	Leguminsoas	0.984	684
Oity	Moquilea tomentosa	Chrysobalaneas	0.792	536
Oleo pardo	Mirocarpus frondosus	Leguminosas	0.645	516
Louro	Cordia sp.	Cordeaceas.	0.923	681
Batinga	Astronium sp.	Leguminosas	0.997	1.016
Massaranduba	Mimusops ellata	Sapotaceas	1.079	760
Beriba.	Rolinia sp.	Anonaceas	1.310	974
Sapucaia	Lecythis grandiflora	Myrtaceas	0.893	658
Aderno	Astromium sp..	Terebenthaceas	0.949	701
Pequiá amarello	Aspidosperma sessilfliorum	Apocyneas	0.871	755
Pequiá marfim	Aspidosperma olivaceum.	Apocyneas	0.836	741
Vinhatico.	Echyrospermam Balthasari	Leguminosas	0.667	545
Cedro.	Cedrella braziliensis	Cedrelaceas.	0.506	467
Jacarandá cabiuna	Dalbergia nigra	Leguminosas	0.872	791
Jacarandá violeta	Machium violaceum	Leguminosas	1.055	1.073
Páo Brazil	Cœsalpina echinata	Leguminosas	1.185	1.371